

n'khany

Revista da Hidroelétrica de Cahora Bassa

Nº 3

Agosto 2014

MODERNIZAÇÃO

HCB investe na longevidade da infraestrutura e equipamentos

DÍVIDA SUSTENTÁVEL

A dívida resultante da reversão será liquidada com 1 ano de antecedência

RESPONSABILIDADE SOCIAL

HCB continua a afirmar-se como uma empresa socialmente responsável, desenvolvendo várias acções em prol da comunidade

HIDROELÉCTRICA DE
CAHORA BASSA



n'khany

N'KHANY NÚMERO 3 II EDIÇÃO

Conselho de Administração

Dr. Paulo Muxanga
(Presidente do Conselho de Administração)

Administradores executivos

Eng. Gildo Sibumbe, Dr. Max Tonela,
Eng. Domingos Torcida, Drª Isabel
Guembe e Dr. Manuel Gameiro

Administradores não-executivos

Dr. Manuel Tomé, Dr. Inácio dos
Santos e Dr. João Conceição

Direcção

Virgílio Lemos

Coordenação da equipa do DIC

Mariano Quinze

Editor

Luís Canhamba

Fotografia

HCB, Acamo Maquinasse, Júlio César
Denguncho e Victor Marrão

Redacção

HCB-DIC, Jorge Rungo e Lizete
Mangueleze

Revisão

Acácio Manhique

Colaboração

Jeremias Langa, Joca Estevão e
Paolla Rolleta

Design, Layout e Impressão

Estúdios Rui Guimarães

Propriedade:

HCB, SA

Tiragem

1500 exs.

DISP.REGº/GABINFO-DEC/2012

www.hcb.co.mz

Fazendo a diferença

NOTA DO EDITOR

A presente edição da Revista Nkany é a terceira neste formato que, pelas reacções que temos recebido dos estimados leitores, ajusta-se a este período que a Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB) está a atravessar, marcado por profundas e marcantes transformações em todos os domínios.

Entre as metamorfoses em curso destacamos a modernização das infra-estruturas e dos processos de gestão, bem como as acções de formação permanente dos colaboradores, elemento vital para a manutenção da empresa, não só em matérias técnicas, como também no quesito Higiene e Segurança Laboral. Conferimos também primazia nas questões ambientais com vista a busca incansável pelas melhores práticas tendo como objectivo final o alcance dos mais elevados padrões de qualidade e resultados em tudo o que fazemos.

Nesta edição, ilustramos um pouco de tudo isto através da capa desta Nkany que, ao contrário dos dois números anteriores, vai à busca do futuro. Mais para o interior, o estimado leitor irá encontrar as nossas portas abertas por via de reportagens e entrevistas que versam sobre os negócios que fazemos com Pequenas e Médias Empresas (PMEs), o que contribui para o fortalecimento destas e gera um efeito multiplicador imensurável.

Dizemos que fazemos a diferença, porque na presente edição, propocionamos ao estimado leitor oportunidades para se

deliciar com abordagens inovadoras que fazemos sobre os encontros e desencontros nos jogos tradicionais que nutrem a simpatia de milhões de moçambicanos.

Fazemos a diferença, deixando que os nossos parceiros embarquem neste projecto e se façam conhecer. No caso vertente, fomos visitar a Fábrica de Painéis Solares implantada em Belulua-ne, a paredes meias da Mozal. Trata-se de um projecto amigo do ambiente e que pretende responder às crescentes necessidades de energias eléctrica ao nível nacional e regional.

Esta é a sua Nkany. Nkany que quer dizer notícia, em Nyúngué, que o vai levar ao interior da HCB, desde que continue a folhear as páginas que se seguem.

O colectivo editorial deseja-lhe uma Boa Leitura!

Mensagem do PCA

DR. PAULO MUXANGA

É com renovada satisfação que me dirijo aos leitores da nossa revista N'Khany para partilhar algumas realizações de relevo da nossa HCB. Efectivamente, desde 2013, a HCB enveredou por um projecto estruturante que visa a modernização dos processos de gestão, que culminou com a recente obtenção da certificação de Qualidade e Segurança e Saúde Ocupacional, nomeadamente ISO 9001 e OHAS 18001, atribuídos pela APCER, uma instituição de renome internacional.

Estes certificados enquadram-se na implementação do Sistema de Gestão Integrada (SGI) na HCB. Pretende-se que o SGI seja um instrumento de melhoria contínua em que o fim último é a redução do risco, a promoção da protecção, do bem-estar, da saúde e segurança dos trabalhadores, por um lado, e por outro que seja uma alavanca que visa a promoção da produtividade, da cultura de definição de objectivos, metas e desenvolvimento de responsabilização na nossa Empresa, o que permitirá a melhoria dos nossos processos internos de gestão, que deverão basear-se em padrões internacionalmente reconhecidos. Em relação aos projectos de modernização de equipamentos, para além dos projectos apresentados na edição passada, tal como o Projecto de Reabilitação

dos Descarregadores e da Subestação do Songo, quero destacar o projecto de protecção das linhas contra os efeitos das cheias. Este projecto consistirá basicamente no uso de um tipo de torres com características adequadas para resistir a situações extremas de cheias.

Mantemos o compromisso de continuar a prestar o nosso contributo à agenda nacional de combate à pobreza e pelo desenvolvimento nacional, através do cumprimento das nossas obrigações fiscais e do investimento em acções de responsabilidade social corporativas.

A propósito, apraz-nos referir que, recentemente, a Autoridade Tributária de Moçambique distinguiu a HCB, como o Melhor Contribuinte à escala nacional, graças à sua contribuição na arrecadação de receitas para o erário público.

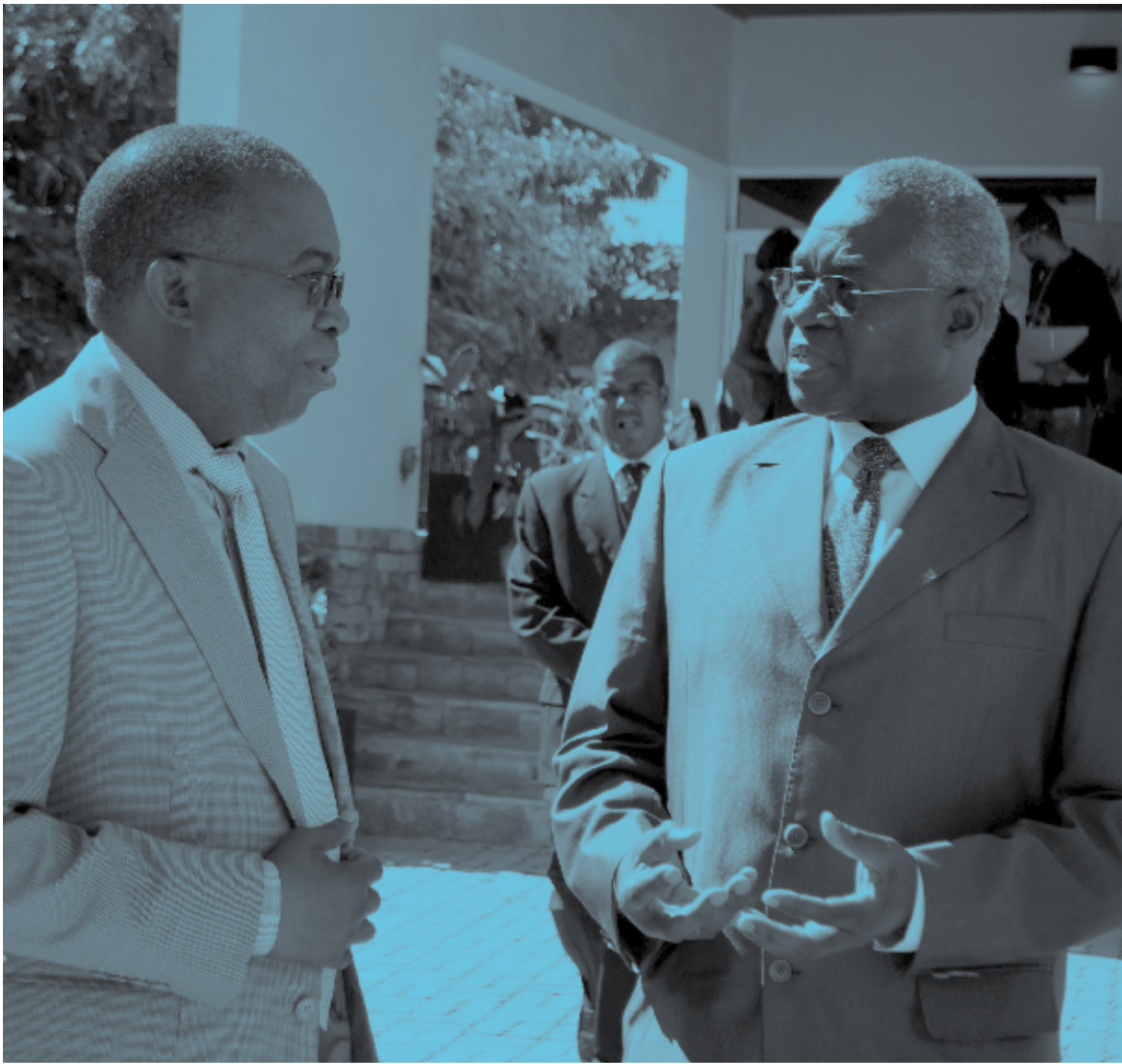
Paralelamente, uma pesquisa da GFK/Intercampus distinguiu a nossa HCB como a Melhor Marca de Moçambique do sector de energia.

O reconhecimento da Autoridade Tributária, do Grupo GFK e de outras organizações dão-nos força para continuar a servir a Nação fazendo juz ao nosso lema "O Orgulho de Moçambique".

Paulo Muxanga

Presidente do Conselho de Administração





Seminário sobre Investimento Global, Crescimento Local

Foi uma iniciativa da Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB) que contou com a parceria do Conselho Empresarial de Tete. O objectivo do seminário foi o de criar oportunidade de interacção entre os empresários da província de Tete e as empresas de grande dimensão a operar na província de Tete.

Entrevista

O Presidente da Autoridade Tributária, Dr Rosário Fernandes, fala sobre a instituição que dirige, bem como dos novos projectos..



14



Responsabilidade Social

A HCB continua a afirmar-se como uma empresa socialmente responsável, desenvolvendo várias acções em prol da comunidade, na saúde, educação, desporto, cultura e edificação de infraestruturas.

18

HCB investe na sua longevidade

A Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB) está a beneficiar de um vasto programa de reformas da sua infra-estrutura de produção e transporte de energia.

20



Uma jornada do Songo a Chitima

Tiago Borges fala do misto de emoções que sentiu na viagem efectuada nas Vilas do Songo e Chitima.

26



30

Ntxuva

Esta 3ª edição busca um retrato de jogos tradicionais moçambicano, com destaque para o Ntxuva, muito jogado no sul do país.

índice

38

Xiquitsi

O Xiquitsi é um projecto de inserção social através do ensino colectivo da música clássica.



Quadro histórico da HCB

Esta edição recupera algumas etapas da história da nossa HCB.

58

Prémio José Craveirinha 2014

um prémio que homenageia a literatura moçambicana

Ler é sempre aprazível. Não importa se leio no banco do jardim, na biblioteca ou na sala de aulas, a leitura me faz viver muitas histórias, transformando-me e transportando-me para outros lugares conhecidos e desconhecidos

Lizete Manguelze

Em Moçambique há um prémio bienal que reconhece a excelência na literatura, o Prémio José Craveirinha. É já no próximo mês de Novembro, à margem das festividades alusivas ao 7.º aniversário da reversão da HCB para o Estado moçambicano, que será conhecido o novo galardão deste que é o maior prémio literário nacional patrocinado pela HCB.

Este grandioso prémio é organizado pela Associação Moçambicana dos Escritores (AEMO) este ano, contrariamente aos anos anteriores em que o júri era presidido por Ungulani Ba Ka Khosa, actual Secretário-geral da Associação Moçambicana dos Escritores (AEMO), o júri composto por 5 membros, será presidido pelo Professor e escritor Gilberto Matusse, e terá a particularidade de incluir a última premiada, a escritora Lília Momplé.

No novo formato em uso desde 2009 o prémio enaltece a carreira dos escritores e não uma obra específica é destinado aos escritores, críticos literários, professores e a todos aqueles cujo trabalho contribuiu para a valorização da arte literária.

O próximo premiado irá suceder aos escritores Lília Momplé, Calane da Silva, Adriano Muianga, Ungulani Ba Ka Kossa, João Paulo Borges Coelho, Eduardo White e Paulina Chiziane.





naturas

Sã Craveirinha
Mil Dólares Americanos

úmero de conta

3546980•••

Número de cheque

••12345690 00 00

Pague por este cheque

25.000,00 USD

Local de emissão

Songo

Data

20 · 09 · 2012



Portal de Fornecedores já conta com mais de 650 PME's inscritas



ção sobre a importância e a abrangência que as PME's têm para o tecido económico moçambicano”, sublinhou.

No que se refere à transparência dos processos, Dr. Gameiro disse que o portal só permite o acesso às candidaturas, por parte da equipa de procurement, na data limite da sua apresentação.

“Algumas tecnologias são de geração nacional e outras importadas, mas são todas fornecidas por empresas nacionais, o que para a HCB é muito bom pois acrescenta valor por via da geração de emprego e da tributação”, enfatizou.

Dr. Gameiro refere ainda que numa primeira fase houve um elevado cepticismo por parte de muitos agentes económicos que não acreditavam na ferramenta - “Achavam que eram umas dessas iniciativas para “o inglês ver”, mas à medida que o tempo foi passando, eles foram acreditando e já estão a fazer negócios com a HCB”.

Para se ultrapassar esta barreira psicológica, a HCB realizou seminários de lançamento e de apresentação da página, recorreu aos préstimos da imprensa nacional e, dados os resultados que tem estado a alcançar, decidiu promover um encontro sobre investimento local com o objectivo de demonstrar até que ponto os mega projectos podem contribuir para uma maior interligação com a economia doméstica nas várias perspectivas e servirem de incentivo e catapultar essas PME's. O administrador da HCB para a área de Aprovisionamento e Tecnologias de Informação concluiu que esta “é uma iniciativa que pretendia abranger grandes, pequenas e médias empresas estabelecidas no país no sentido de haver trocas de ideias. Portanto, um debate proactivo e não um debate de lamúrias, pois o nosso objectivo é olhar o que se pode fazer, como fazer e levar a que as empresas de menor dimensão tenham consciência de que empresas como HCB são muito exigentes em termos de padrão de qualidade, pelo que as PME's devem estar habilitadas a acompanhar esse processo”.



N o quadro da materialização do compromisso da HCB de fortalecer o tecido empresarial nacional, promover o emprego, rendimentos cada vez maiores para os moçambicanos, esta empresa instituiu uma política de compras alicerçada por um portal de fornecedores inseridos na sua página de internet.

Trata-se de uma plataforma onde todas as empresas interessadas, com particular destaque para as Pequenas e Médias Empresas (PMEs), se inscrevem de forma fácil, rápida e transparente para competirem em igualdade de circunstâncias para o fornecimento de bens e serviços a este mega projecto nacional.

Dr. Manuel Gameiro, administrador da HCB para a área de Aprovisionamento e Tecnologias de Informação, afirma que “há uma afluência muito grande” na medida em que um total de 652 empresas estão inscritas naquele sistema e que um conjunto enorme de processos de compra que tem sido encerradas regularmente através desta ferramenta. “Criamos o portal onde as empresas podem se inscrever de forma simples, online e, a partir daí, têm acesso a todos os concursos promovidos pela empresa em tempo real. Isto faz parte da nossa política de compras e materializa a nossa convic-

Centro Hospitalar de São João faz doação de material hospitalar ao Hospital Rural do Songo em Moçambique



Situado na província de Tete, no norte de Moçambique, o Hospital Rural do Songo constitui a referência no distrito de Cahora Bassa e presta assistência a uma população de cerca de 114 mil habitantes provenientes da Vila do Songo, de dez Centros de Saúde (Chitima, Chirodze, Maroeira, Chinhanda, Nhacapiriri, Chintholo, Chipalapala, Magoé, Chipera, Fingoé) e de três povoados (Nhandoa, Thaca e Dzunza), além das populações de alguns distritos fronteiriços. Enquanto hospital de nível secundário com capacidade cirúrgica e internamento (total de 126 camas), o Hospital Rural do Songo lida com inúmeros casos de queimaduras, mordeduras de cobra e outras lesões cutâneas que implicam a realização de enxertos cutâneos. O Centro Hospitalar de São João associou-se a esta nobre causa através da doação de diverso material cirúrgico ao Hospital Rural do Songo, representado pela directora clínica Dr^a Elisa Gundana.

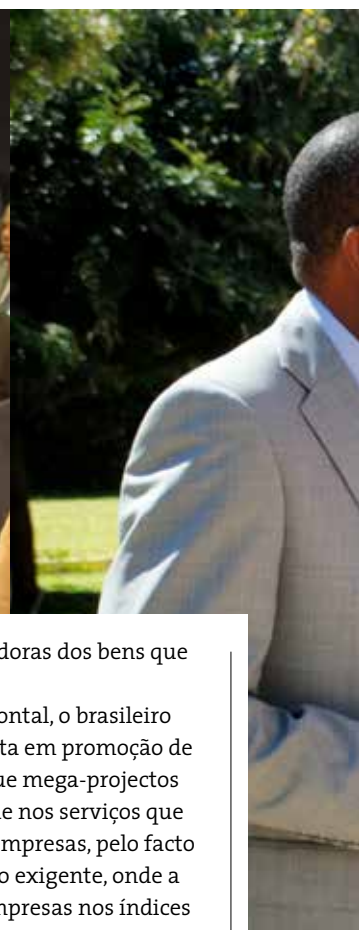
Sede da JOTC será no Songo

Ainda este ano

A Hidroeléctrica de Cahora Bassa acaba de assumir a responsabilidade de hospedar o secretariado permanente da Joint Operations Technical Committee (JOTC), um organismo composto pela Zambeze River Authority (ZRA), Zimbabwe National Water Authority (ZINWA), Zâmbia Electricity Supply Company (ZESCO), Zimbabwe Power Company (ZPC), Administração Regional de Águas (Ara-Zambeze) e Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), cuja função assenta sobre a gestão das águas da bacia do Zambeze e a operação das grandes barragens da Bacia do Zambeze. Por decisão do Comité Executivo deste órgão, reunido no dia 4 de Abril de 2014, o JOTC, passou a denominar-se ZAMDO - Zambezi Water Resources Managers and Dam Operators. Os passos mais concretos do estabelecimento da sede do secretariado permanente do ZAMDO já estão a ser dados de forma firme com a identificação de toda a infra-estrutura e equipamento necessários ao bom funcionamento deste organismo interinstitucional. O JOTC foi constituído oficialmente em 2011, com o reconhecimento dos governos dos 3 países, que elaboraram um memorando de entendimento que sustenta a sua existência, com o objectivo de parti-

lhar atempadamente a informação hidrometeorológica, estrutural e de ambiente hídrico, por forma a acautelar a segurança hidráulico-operacional, estrutural e ambiental dos empreendimentos. Até ao presente momento, os resultados inequivocamente importantes no que concerne à partilha de informação da gestão das barragens, nomeadamente, nos aspectos ligados aos planos de gestão das albufeiras. A troca de informação afigura-se de relevância suprema uma vez que permite planificar a exploração da albufeira com a devida antecedência e ainda proceder a ajustamentos do plano inicial, à medida que recebemos informação dos nossos parceiros de montante. Assim, para além dos aspectos de segurança do empreendimento, a planificação referida tem em vista garantir o armazenamento necessário para produção de energia e ainda a minimização dos riscos associados a eventos extremos para as comunidades a jusante pois em devido tempo são informados sobre a variação do caudal do rio resultante das descargas das barragens.

HCB aproxima PME às oportunidades de negócio



Sob o lema “Investimento global, crescimento local”, a vila de Songo foi palco do seminário económico promovido pela Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), um evento que visou aproximar os grandes projectos em operação na província de Tete e as Pequenas e Médias Empresas (PME) locais. Aliás, a conferência foi realizada pela HCB, após ter sido contactada pelas PME de Tete, que pediram uma oportunidade para interagir com os mega-projectos tête-a-tête.

Numa sala lotada por empresários de Tete, o orador principal do evento, Eng. Guilber Souza, defendeu que “tudo o que se pode fazer em Moçambique tem que ser feito em Moçambique”, destacando claramente que há necessidade de as empresas moçambicanas se transformarem em provedoras competitivas de bens e serviços demandados internamente, ao mesmo tempo que criam condi-

ções para se tornarem exportadoras dos bens que produzem.

Com base numa abordagem frontal, o brasileiro Guilber Souza, que é especialista em promoção de conteúdo local, disse às PME que mega-projectos nunca vão abdicar da qualidade nos serviços que contratam junto das diversas empresas, pelo facto de estarem inseridas num meio exigente, onde a certificação e a inserção das empresas nos índices bolsistas é fundamental para serem elegíveis como fornecedoras de serviços e produtos.

“É fundamental que as PME invistam no capital humano, na tecnologia e na capacidade de prestação de um serviço de qualidade a longo prazo, para que possam ser aceites pelas grandes empresas envolvidas em actividades como petróleo, gás e mineração”, avançou o especialista.

Guilber Souza disse, inclusive, que a intervenção do Governo é fundamental para regular o mercado, sobretudo quando se fala de conteúdo local, na medida em que há multinacionais que podem vir instalar-se em Moçambique e, com o registo local, adoptar o nome de conteúdo local em igual circunstância com uma empresa de capitais moçambicanos. Neste contexto, sugeriu que houvesse uma definição clara do “conteúdo local” na perspectiva moçambicana, para que não se corra o risco de passar para trás o empresariado nacional.



Governador Paulo Auade destaca centro de apoio empresarial

O governador da província de Tete, Eng. Paulo Auade, destacou os trabalhos que o governo provincial tem feito no sentido de facilitar a actividade do sector privado, em particular a instalação do Centro de Apoio Empresarial. “Se caminhamos juntos, facilmente alcançaremos êxito nas actividades que desenvolvemos”, avançou o governante. O Eng. Paulo Auade reconheceu, ainda, o esforço que a HCB tem feito no sentido de incluir as Pequenas e Médias Empresas (PME) nas actividades que presta, ao garantir que grande parte dos produtos e serviços que adquire sejam fornecidos por empresas moçambicanas.



HCB compra mais de 50% de bens em Tete

O presidente do Conselho de Administração (PCA) da HCB, Dr. Paulo Muxanga, revelou, ontem, que a empresa que dirige contrata mais de 50% dos seus produtos e serviços na província de Tete, onde está instalada, sendo que boa parte destes serviços contratados nesta província provém do posto de administrativo de Songo, distrito de Cahora Bassa. Trata-se de serviços contratados apenas a nível da província de Tete, sendo que, adicionados aos contratados nas outras províncias do país, ascende a 60% a totalidade dos produtos e serviços comprados no território nacional. O PCA da HCB revelou, ainda, que o Portal de Fornecedores da barragem, aberto em Março de 2013, vai a caminho de 600 inscrições em termos de empresas candidatas a prestarem serviço à

Hidroeléctrica. Paulo Muxanga disse que, pela sua dimensão, a empresa que dirige tem a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento do país. A HCB é um dos maiores contribuintes para as receitas fiscais do Estado. Segundo dados da Autoridade Tributária de Moçambique, nos últimos anos, a HCB contribuiu em impostos para os cofres do Estado com um valor médio anual de 25 milhões de dólares americanos.

“Estamos a mudar”

DR. PAULO MUXANGA, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO (PCA) DA HIDROELÉCTRICA DE CAHORA BASSA (HCB)

A Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB) está sob a gestão directa de Moçambique há pouco mais de seis anos e, nesse curto espaço de tempo, embarcou em vários projectos de reabilitação que a tornaram “radicalmente diferente”, conforme palavras do PCA, Dr. Paulo Muxanga.

A o tempo da reversão iniciou-se a reabilitação da Central de Produção, projecto que culminou com o aumento exponencial da produção em 20 por cento, cifra alcançada em 2009, a mais alta registada desde 1977, altura em que começou a operar.

“Todavia, não paramos por aí, movidos pelo sucesso da reabilitação da central definimos quatro pilares rumo a modernização de Cahora Bassa, nomeadamente reabilitação dos descarregadores, reabilitação da subestação de Songo, a intervenção da linha HVDC e o desenvolvimento da Central do Norte”, revelou o PCA da HCB.

O projecto de reabilitação da Subestação de Songo consistiu na substituição de equipamentos obsoletos por modernos, nomeadamente pela montagem de dois conjuntos de bobinas de alisamento, que oferecem garantias de transmissão fiel da energia de Cahora Bassa para os clientes.

Porque as linhas de transmissão de energia também têm sido uma fonte de preocupações, a HCB está à procura de uma solução definitiva que deverá ser concluída nos próximos três anos por via do projecto de protecção das linhas, com particular destaque para os troços que atravessam importantes rios como o Limpopo e o Save, na região de Pafúri, interior da província de Gaza.

A construção da Central Norte está em cogitação

e, segundo o PCA, Dr. Paulo Muxanga, poderá ser o projecto mais estruturante depois da construção de Cahora Bassa, pois, por meio deste, pretende-se ampliar o aproveitamento hidráulico de Cahora Bassa que vai culminar com o reforço da potência em cerca de 1200 Mega Watts.

“Para a prossecução dessas obras já foram elaborados estudos hidrológicos, geotécnicos e de Impacto Ambiental, que irão permitir a modernização tecnológica da nossa empresa, para que continuemos a crescer e nos afirmemos a dimensão mundial como uma empresa moderna e, sobretudo, competitiva”, sublinha o PCA da HCB.

Mais adiante, o Dr. Paulo Muxanga referiu-se à melhoria dos processos de gestão da HCB, os quais incluem a certificação de Qualidade, Segurança e Saúde Ocupacional (denominado SGI) que é um instrumento de melhoria contínua, orientado para a satisfação, segurança e saúde dos trabalhadores, clientes, comunidades e todos os envolvidos nas actividades da nossa empresa.

A implementação do projecto tem por objectivo conduzir a empresa a basear a sua actuação em padrões internacionais, o que implica dotar a corporação de pessoal qualificado. Mesmo a propósito disso, o PCA da HCB revelou que após a reversão houve a “moçambicanização” dos recursos humanos da HCB e, hoje, de um total de cerca de 700 tra-



balhadores, menos de doze são expatriados, o que contrasta radicalmente com a realidade encontrada na altura da reversão. “É com esta massa laboral moçambicana que iremos prestar o contributo no combate à pobreza e pelo desenvolvimento nacional através do cumprimento das obrigações fiscais e do investimento em acções de responsabilidade social”, disse.

E, mesmo a propósito do cumprimento de obrigações fiscais, o Dr. Paulo Muxanga salientou o facto de recentemente a Autoridade Tributária

“...movidos pelo sucesso da reabilitação da central definimos quatro pilares rumo à modernização de Cahora Bassa...”

de Moçambique (AT) ter distinguido a HCB como um dos melhores contribuintes à escala nacional graças à contribuição na arrecadação de receitas para o erário público. Paralelamente, numa pesquisa levada a cabo por uma prestigiada firma neste ramo de investigação, a nossa HCB foi distinguida mais uma vez como a melhor marca de Moçambique no sector de energia. “Tudo isto dá-nos a força para continuar a servir a nação, fazendo jus ao nosso lema orgulho de Moçambique”, concluiu o Dr. Paulo Muxanga.

Dívida será liquidada com um ano de antecedência

Dr. Max Tonela, Administrador da área financeira

RESULTANTE DA REVERSÃO



A dívida contractada pelo Estado moçambicano junto do consórcio financeiro denominado Calyon para garantir a reversão da Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) a favor de Moçambique poderá ser liquidada com uma antecedência de 12 meses, revelou Dr. Max Tonela, administrador da HCB para a área Financeira.

Até Dezembro de 2013, segundo o Dr. Tonela, tinha sido amortizado cerca de 60 por cento do valor financiado. “Temos pago as prestações por antecipação e estimamos que o pagamento final ocorra no prazo de um ano antes da data inicialmente aprovada nos bancos”, sublinhou.

Para além do saneamento de toda a dívida que existia para com Estado português, a HCB já liquidou quatro linhas de financiamentos que se mantinham activas naquele período e que tinham sido contractados em 1995 para investimentos no projecto de reposição das linhas destruídas durante a guerra, dois dos quais junto de bancos comerciais portugueses.

Por outro lado, para o financiamento destes mesmos projectos havia dois créditos concedidos

ao Estado moçambicano pelo Fundo Europeu de Investimento, estimado em 7.6 milhões de euros, cujo pagamento se situa em 13.2 por cento, e junto do Banco Europeu de Investimento, na ordem de 20 milhões de euros, metade dos quais já pagos.

No que se refere à contribuição da HCB para as receitas fiscais, Dr. Max Tonela disse que “prevemos para o futuro que a empresa possa dar continuidade ao pagamento de impostos ao Estado moçambicano com valores acima de 25 mil milhões de dólares americanos”.

A reversão da HCB a favor do Estado Moçambicano tem estado a permitir que a empresa dê um importante contributo financeiro para os cofres do Estado, ao mesmo tempo que torna possível o aumento da disponibilidade de energia, factor essencial para o desenvolvimento do país.

Segundo o Dr. Tonela, o volume de energia disponível passou de 14 por cento, em 2007, para 25 por cento, em média de 2013. “Actualmente a hidroeléctrica está a cerca de 30 por cento, o que vai acelerar a capacidade do governo moçambicano, através da Electricidade de Moçambique (EDM) de expandir o acesso a energia eléctrica para todas as regiões do país”, aponta.

O pelouro financeiro da HCB entende que a reversão deu-se num momento em que esta empresa devia ter começado com o projecto de reparação dos grupos geradores, um projecto que foi concluí-

do em 2008, um ano após a reversão, e cujo impacto tem sido visível na produção e nas vendas. Como complemento daquela acção, e ao longo dos anos, “temos vindo a implementar várias acções garantindo a sustentabilidade e longevidade do empreendimento Cahora Bassa para que não possa ser apenas um projecto de hoje mas também de futuras gerações, através de acções de investimentos enquadradas num programa de dez anos”, sintetizou o Dr.Tonela.

Entre tais acções consta a materialização do Plano Estratégico para o quinquénio 2010-2014 e o modelo de formação corporativa que assenta em princípios éticos e deontológicos que regem a forma de estar e de agir dos colaboradores e clientes no processo de administração da sociedade aprovado em 2010.

O Plano Estratégico, que termina no final deste ano, orienta para a melhoria de vários processos de gestão nas áreas de compras, gestão financeira e contabilística e recursos humanos, introdução de um sistema integrado para gestão de Recursos Humanos, que inclui um novo modelo de qualificação e formação, carreiras e avaliação do desempenho, remunerações e benefícios.

“Em resultado do programa de investimento desenhado para o horizonte de dez anos e das várias acções visando manter padrões de operação e manutenção alinhados com as melhores práticas internacionais da indústria, a empresa vem alcançando níveis de produção eléctrica que ascendem a 96,7 por cento da sua capacidade total”, revelou o Dr. Max Tonela.

Por outro lado, fez saber que a HCB possui acordos celebrados com entidades externas para a realização de monitorias técnicas a partir das quais são feitas comparações de desempenho operacional com empresas similares a nível internacional, o que permite que aos gestores tomar decisões para uma maior e melhor eficiência da empresa.



“Temos pago as prestações por antecipação e estimamos que o pagamento final ocorra no prazo de um ano antes da data inicialmente aprovada nos bancos”, sublinha o Dr. Max Tonela, Administrador da Área Financeira



“A soma das potencialidades de todas as províncias é que dá competitividade a Moçambique”

Presidente da
Autoridade
Tributária de
Moçambique,
**Dr. Rosário
Fernandes**

A AT tem-se distinguido pela sua acção no alargamento da base tributária e na tributação das mais valias. Qual é a missão e objectivos da AT? No curto prazo, a nossa missão é a consolidação da estrutura orgânica da instituição. A partir de diferentes organismos internos, o aparelho funcional da instituição tem que se tornar estável, competitivo e pronto para os desafios do futuro. Isto é do curto prazo. Limar arestas para assegurar que esta instituição esteja à altura de competir na região,

primeiro, e depois no mundo. No médio e longo prazos, queremos estar em alinhamento com os indicadores de convergência da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) e do mundo em relação às grandes aspirações das instituições de fiscalidade. No ano passado, cometemos a proeza de duplicar o rácio fiscal que encontramos antes da criação da Autoridade Tributária, que estava na casa dos 13% ou pouco mais disso. O ano passado foi fechado com cerca de 27% do rácio fiscal, quase o dobro, numa circunstância em que cada sector fiscal alcançava sete vezes mais do que os números registados em 2006. De cerca de 391 mil cadastrados passámos para cerca de 2 milhões e oitocentos mil, em todo o país, e a receita fiscal fomos cumprindo, na verdade, sobrecumprindo as metas da lei orçamental anualmente. No ano

A close-up portrait of a man with dark skin and short, dark hair. He is looking slightly to the left of the camera with a serious expression. He is wearing a dark suit jacket, a white dress shirt, and a red tie with thin white diagonal stripes. The background is a plain, light color.

*No curto
prazo, a nossa
missão é a
consolidação
da estrutura
orgânica da
instituição.
A partir de
diferentes
organismos
internos, o
aparelho
funcional da
instituição
tem que
se tornar
estável,
competitivo e
pronto para
os desafios do
futuro.*



passado, fizemos cinco vezes mais as receitas de 2006. Passámos de 27,7 mil milhões de meticais, em 2006, para 127 mil milhões de meticais, no ano passado. Este ano de 2014 temos mais um grande desafio, que é engordar ainda mais as receitas do Estado para a satisfação dos objectivos do Estado e todos os actores são chamados a convergir para o atingir, em especial actores da dimensão da HCB.

Qual é a grande meta da Autoridade Tributária e projectos futuros, sobretudo na zona Centro e Norte, onde se verifica um boom de recursos?

O nosso propósito principal é assegurar a estabilidade económica, produzindo receitas necessárias para o país se desenvolver e cumprir os seus propósitos de liberdade económica. Não basta que alcancemos as metas que, anualmente, anunciamos, porque o potencial de Moçambique é muito maior. Somos um país vasto, com enormes potencialidades agrícolas, de recursos naturais. Isso dá-nos razão em relação ao futuro, em relação a uma aposta firme. Uma empresa como a HCB é uma grande arma para garantir a competitividade da nossa economia. Produz energia para o país, mas também para alguns países da região. A energia que vai ser gerada a partir do gás em Ressano Garcia, significará valor acrescentado ao que a HCB já produz. A HCB é, portanto, a coluna vertebral.

A HCB foi eleita um dos melhores contribuintes em 2013 pela Autoridade Tributária. O que fundamenta esta escolha?

A HCB foi eleita um dos melhores contribuintes porque faz no limite cerca de 25 milhões de dólares de contribuição para a fiscalidade por ano. Para aquilo que é a natureza da HCB é obra o que está

Não basta que alcancemos as metas que, anualmente, anunciamos, porque o potencial de Moçambique é muito maior. Somos um país vasto, com enormes potencialidades agrícolas, de recursos naturais.

a fazer. A HCB levou um compasso paulatino de espera até que o encaixe de fiscalidade seja o ideal. O empreendimento da HCB foi concebido, já no tempo da administração colonial e tinha objectivos que eram extrínsecos aos interesses nacionais, de tal modo que no modelo de negócio, estava Moçambique, com interesses reduzidos, e noutros vértices do triângulo, estavam Portugal e a África do Sul que garantia a transformação e depois a comercialização da energia eléctrica. No limite, Moçambique tinha benefícios até 15% do resultado dessa transformação. O diferencial era comercializado fora. Esses são aspectos importantes que se analisarmos em termos de matéria colectável, dá a dimensão de que não era o ideal.

Qual é a importância que assume no desenvolvimento nacional uma empresa com a contribuição fiscal da dimensão da HCB?

A importância é grande. Primeiro, porque hoje se trata de uma empresa genuinamente nacional. Segundo, porque está situada num lugar estratégico na geografia de Moçambique, naturalmente com potencialidade enorme para acções contributivas, não apenas pela geração de energia, mas sobretudo pelo fornecimento dessa energia eléctrica a lugares estratégicos da actividade económica do país. Por isso, acaba fazendo com que tais actividades económicas gerem produção, actividade e tributação. A tributação que é feita aos lugares periféricos do complexo acaba por beneficiar justamente desse fornecimento de energia eléctrica, garantindo que haja níveis de estabilidade económica e de fiscalidade. A própria HCB está a mostrar-nos que está a avançar para a sua modernização, com a reabilitação da sua subestação para garantir mais fiabilidade. O trabalho que está a fazer é precioso. A par disso, o plano de desenvolvimento da Central Norte, em 2016, vai implicar a geração de cerca de



*A própria HCB
está a mostrar-
nos que está
a avançar
para a sua
modernização,
com a
reabilitação
da sua
subestação para
garantir mais
fiabilidade. O
trabalho que
está a fazer é
precioso.*

1200 Megawats. A isso junta-se Mpanda Nkuwa. Tudo isto totaliza uma capacidade de cerca de 5 mil Megawats, isso é bom para os interesses estratégicos vitais do país. Vamos ter uma maior capacidade de energia para a satisfação da nossa estrutura produtiva actual e a vindoura. Isso aumentará a fiscalidade e o país ganha com isso.

Quais são as metas da AT?

A nossa grande meta é conseguir reduzir as assimetrias, fazer com que as regiões Norte e Centro consigam ter a melhor equação do desenvolvimento a partir do papel que exerce a região sul. Este aspecto de equacionar as regiões para reduzir as assimetrias constitui um dos maiores desafios do futuro, porque significa acreditar no que Cabo Delgado, Tete e outras províncias são capazes de fazer. Não devemos olhar só para Tete e Cabo Delgado pelos seus recursos, temos que olhar para todas as províncias, capitalizando os recursos que cada uma delas possui para contribuir para o país. Somadas as potencialidades de todas as províncias, isso é que dá competitividade a Moçambique, na região e no mundo. Por isso mesmo, a nossa fiscalidade passa por cada uma das províncias.

*A nossa
grande meta
é conseguir
reduzir as
assimetrias,*

...

Responsabilidade social um investimento corporativo

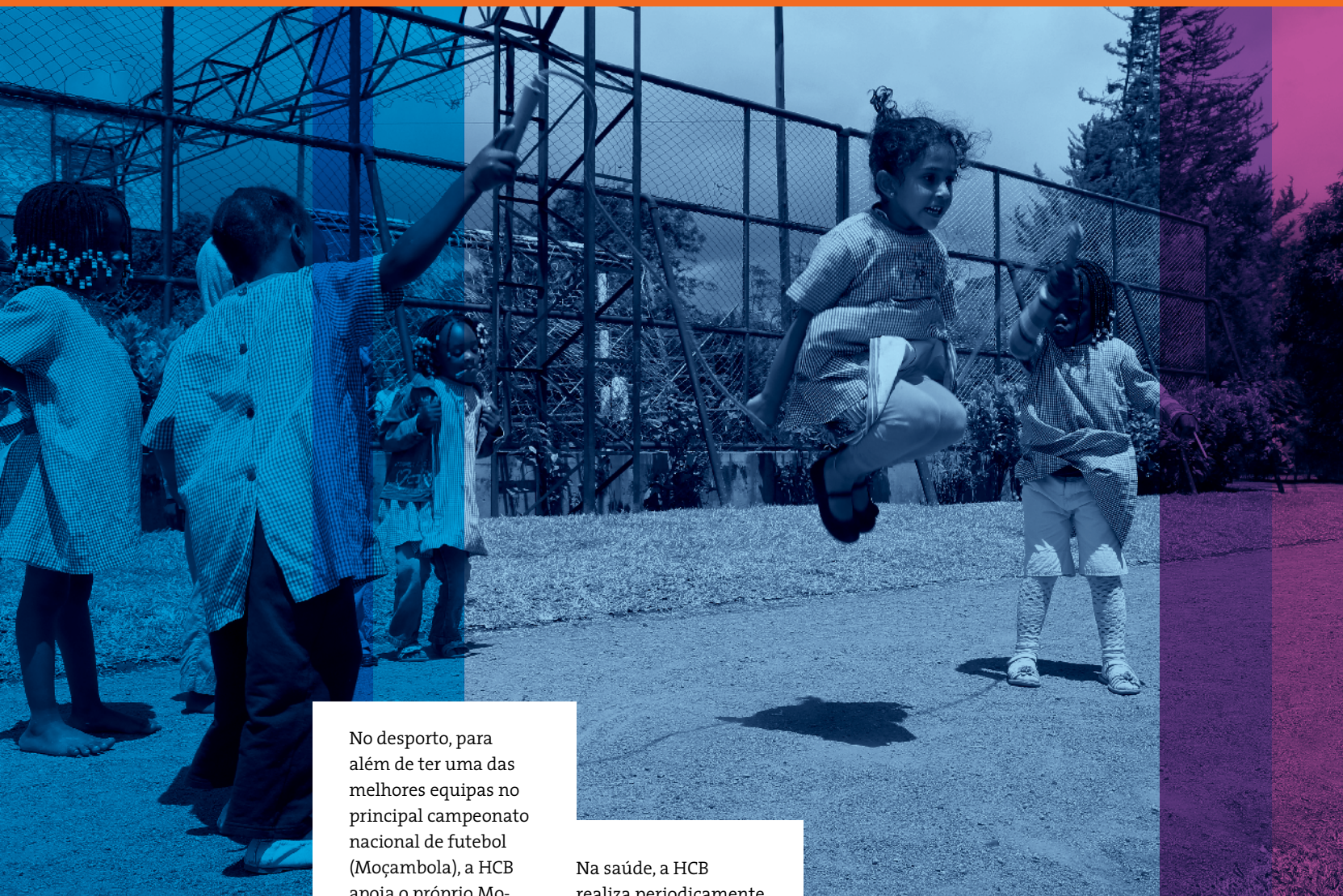


A HCB continua a afirmar-se como uma empresa socialmente responsável, desenvolvendo várias acções em prol da comunidade, na saúde, educação, desporto, cultura e edificação de infraestruturas.

No momento mais crítico que o país atravessou, com as inundações, a HCB concedeu um donativo de 7 milhões e quinhentos Meticais ao Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC). Para além disso, deu ainda apoio financeiro ao Instituto do Coração para tratamento de crianças e jovens até aos 21 anos de idade, com baixo poder económico.



Prestou apoio às Rádios Comunitárias de Cahora Bassa e do Zumbo. Melhorou as condições habitacionais dos trabalhadores e suas famílias, com a entrega de 23 novas casas e a reabilitação de outras 28, bem como a expansão da rede eléctrica e de água aos bairros periféricos do Songo.

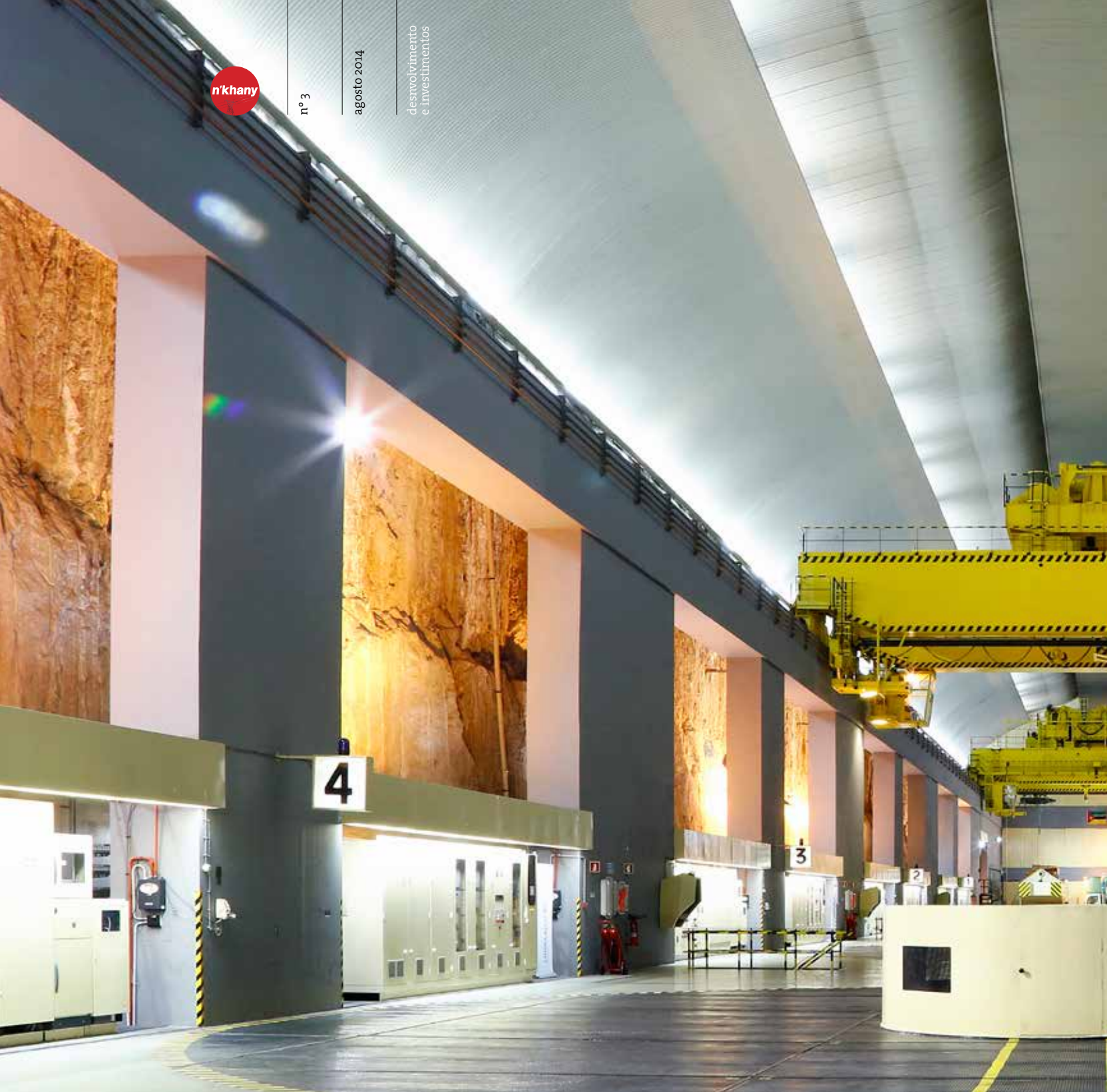


Na cultura, a HCB realizou em Songo a segunda edição da Feira do Livro, que incluiu a venda de livros a preços subsidiados. Patrocinou o concurso musical Ngoma Moçambique e o lançamento de dois álbuns de José Mucavele e de Madala.

No desporto, para além de ter uma das melhores equipas no principal campeonato nacional de futebol (Moçambola), a HCB apoia o próprio Moçambola, a selecção feminina de basquetebol, vice-campeã africana; o Fundo de Promoção Desportiva; a selecção nacional de futebol “Mambas” e a participação de Moçambique no campeonato africano de juniores, em natação, bem como a selecção nacional de Hóquei em Patins.

Na saúde, a HCB realiza periodicamente uma Feira da Saúde, em Songo, dirigida aos trabalhadores, e alargada à população residente na vila, orientada para doenças cardiovasculares, infectocontagiosas e diabetes, e conta com a presença de médicos especialistas.

Por outro lado, promoveu campanhas de sensibilização através de palestras por parte do pessoal médico da HCB para doenças como a malária e o HIV/SIDA.

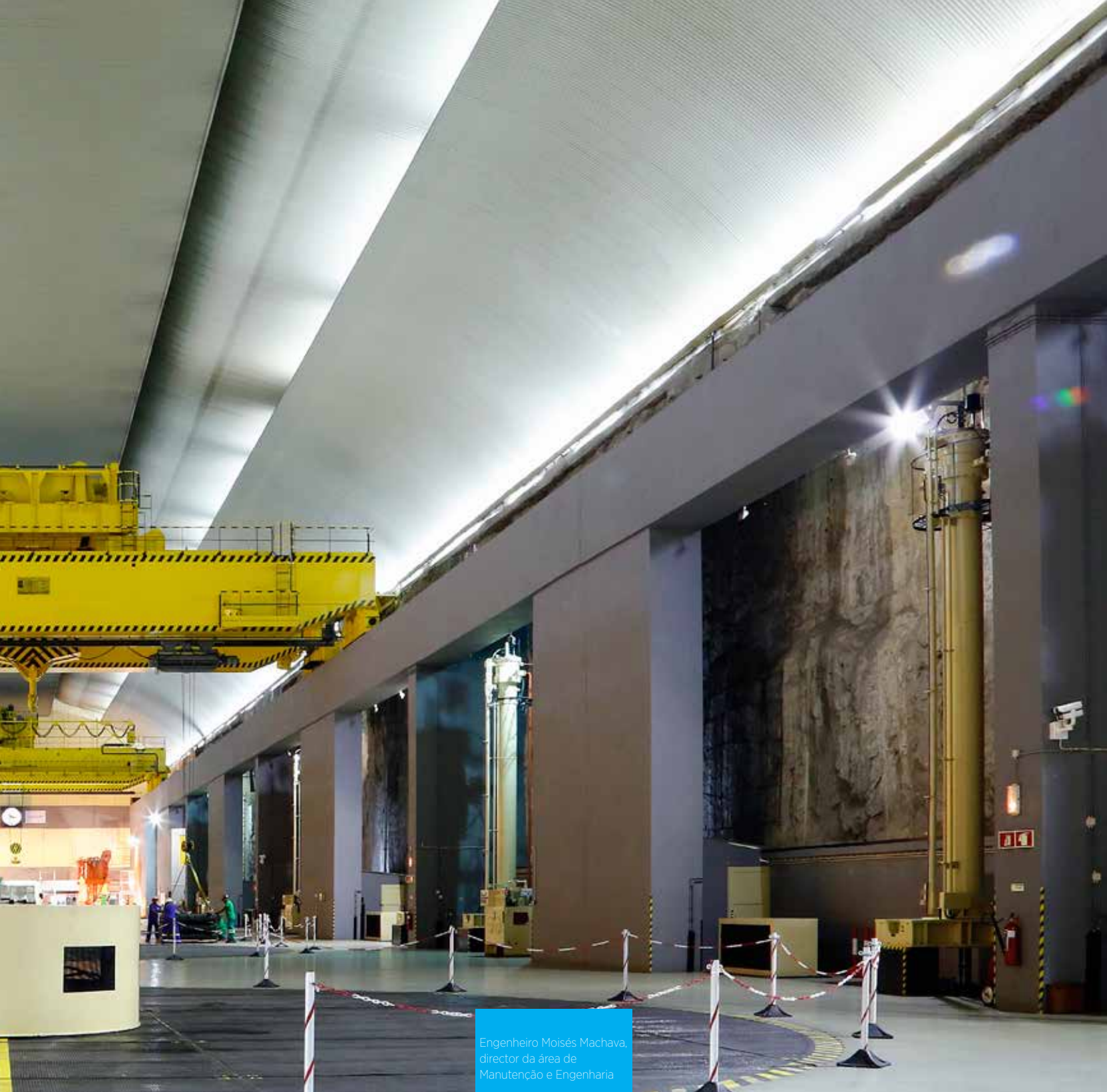


HCB INVESTE NA SUA LONGEVIDADE

A Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB) está a beneficiar de um vasto programa de reformas da sua infra-estrutura de produção e transporte que, como referiu recentemente o Presidente do Conselho de Administração (PCA) desta empresa, Dr. Paulo Muxanga, estão a tornar a empresa “radicalmente diferente” daquela que receberam aquando da reversão da gestão portuguesa para a moçambicana.

Para além dos aspectos corporativos, as metamorfoses também decorrem ao nível dos componentes físicos como são os casos dos descarregadores, transformadores e linhas de transporte para uma melhor performance dentro dos requisitos de segurança de padrão internacional.

Segundo o Eng. Moisés Machava, director da área de



Engenheiro Moisés Machava,
director da área de
Manutenção e Engenharia

Manutenção e Engenharia, a HCB possui oito descarregadores de meio fundo com capacidade para descarregar até 1600 metros cúbicos cada um, independentemente da abertura e da quota da albufera e um descarregador de superfície que faz descargas de até 500 metros cúbicos de água por segundo. “Decidimos reabilitar os descarregadores para obtermos um bom desempenho da albufera e atendermos melhor às necessidades de água para a produção de energia, aos requisitos da segurança da infra-estrutura e à gestão das condições ambientais”, disse o Engenheiro Moisés Machava. O projecto, cuja execução ronda os 65 por cento, compreende a eliminação de fugas de água que ocorrem nas selagens e a resolução de problemas de corrosão nas comportas e nos canais de descar-



ga, e deve terminar no próximo ano.

“Temos um conjunto de comportas reabilitadas em cerca de 85 por cento e estão a decorrer algumas afinações que não estavam inicialmente previstas, mas já está tudo alinhado de modo a que seja concluído dentro dos prazos. O valor de investimentos aproxima-se a 22 milhões de euros”, revelou o director da área de Manutenção e Engenharia.

Subestação de Songo

No que se refere ao equipamento de geração, Machava apontou que na central de produção está em curso um programa de reabilitação dos transformadores elevadores que não beneficiaram de reabilitação levada a cabo antes da reversão. “No entanto, constatamos que havia um certo risco



de paragem forçada resultante de avarias ou de incêndios, pelo que, numa primeira fase procedemos à reabilitação básica dos transformadores que foram identificados como sendo de maior risco e substituição de rolamentos em transformadores também identificados como tendo maior risco”, juntou.

A primeira fase da reabilitação deste equipamento arrancou em 2010 e, na segunda fase, que será levada a cabo no próximo ano, consta que serão substituídos os rolamentos. O eng. Moisés Machava indica que esta obra foi executada em 75 por cento e a iniciativa está orçada em cerca de 16 milhões de euros.

Na Subestação de Songo, de onde parte um sistema de linhas de Alta Tensão em Corrente Contínua (HVDC), que é transportada para a África do Sul, e de Alta Tensão em Corrente Alternada (HVAC), que alimentam a região Centro e Norte de Moçambique através da Subestação de Matambo, o projecto incide sobre equipamentos de HVDC identificados com problemas de performance.



A necessidade de reabilitação do sistema HVDC visa reduzir o risco de paragens forçadas que podem ser longas, melhorar a qualidade da energia fornecida à RSA e modernizar o sistema que foi construído há mais de 30 anos que tem muito equipamento no limite de vida útil e, por isso, com índice de avarias elevado.

Para melhorar a performance deste sistema, a HCB investiu na aquisição e montagem de novas e modernas bobinas de alisamentos, duas das quais já em funcionamento e em processo de aquisição de outras três, que poderão chegar ao país em Setembro deste ano.

A troca das bobinas deve-se ao facto das antigas serem demasiado pesadas (130 toneladas contra 20 das actuais), tecnologicamente ultrapassadas e com uma manutenção bastante complexa e com grandes custos, contrariamente às novas que têm praticamente “manutenção zero”.

O Eng. Moisés Machava referiu ainda que será instalado um banco de filtros (o terceiro) com o objectivo de oferecer flexibilidade de manuten-



ção, desta forma a realização de actividades de manutenção poderá ser feita sem necessidade de redução de produção e transmissão e permite ainda a eliminação gradual dos condensadores que contem produtos cancerígenos.

Os trabalhos de construção civil com vista à instalação do referido filtro iniciam-se em Junho (2014) e “seguir-se-á a instalação prevendo-se assim que o condicionamento seja feito em Dezembro. Neste projecto serão adquiridos três novos transformadores”, disse o Engenheiro Machava. Por outro lado, está a ser acautelada a criação de barreiras anti-incêndios que visam evitar que numa situação de incêndio este se propague e alcance os transformadores. No mesmo âmbito, o projecto prevê também a substituição de equipamentos de refrigeração, estantes de válvulas,



O Presidente do Conselho de Administração (PCA) da HCB, Dr. Paulo Muxanga.



diversos transformadores de tensão e pára-raios. “Este projecto está implementado em cerca de 50 por cento e tem o valor total de 80 milhões de euros” concluiu o director da área de Manutenção e Engenharia.

Protecção contra cheias e poluição

A HCB possui duas linhas de Alta Tensão em Corrente Contínua (HVDC), com uma extensão total de 1400 quilómetros (km), 900 dos quais em território nacional, cerca de 2000 tores e acima de 87 mil isoladores. Para além destas, a empresa conta ainda com linhas de Alta Tensão em Corrente alternada (HVAC) que transportam energia do Songo até Matambo, e daqui para o Centro e Norte de Moçambique.

Nestas linhas está a ser implementado um projecto que visa a protecção contra o efeito das cheias nas travessias dos rios e para a redução de índices de disparos das linhas devido à poluição. “Na parte superior das fundações criaremos condições para que os detritos sólidos que são arrastados pelas cheias passem com facilidade e não forcem as bases das torres”, disse para depois acrescentar que

as torres terão fundações amplas e mais profundas.

Conforme revelou, nos rios Nuanetsi e Limpopo, na zona de Pafúri, interior de Gaza, o trabalho será feito este ano e as novas torres deverão ser construídas num novo traçado afastado do actual para que possam ser construídas sem interrupção da transmissão. No rio Save o projecto está a ser implementado em duas linhas e o valor total

do investimento é de cerca de 20 milhões de euros.

“A interrupção será mínima, no fim da construção apenas, para permitir a ligação do novo troço à restante linha”, garantiu o director da área de Manutenção e Engenharia.

Para além disso, está em curso o projecto de mitigação da poluição nas linhas, principalmente devido a queimadas descontroladas. Este programa compreende a substituição de isoladores normais por isoladores “anti-poluição”. “Já adquirimos uma parte dos novos isoladores e o processo de substituição irá iniciar no próximo ano e poderá ir até 2016, num investimento global de quatro milhões de euros”.

O Eng. Moisés Machava disse ainda que enquanto não se implementa este projecto, estão a ser realizadas manutenções normais que consistem na lavagem de isoladores de modo a minimizar o registo de disparos por causa de poluição. “Fizemos um trabalho de sensibilização das comunidades com apoio das autoridades locais com vista a controlar a situação de fumo” concluiu.



Painéis solares à conquista do mercado

Moçambique possui uma Fábrica de Painéis Solares, localizada na Zona Franca de Beluluane, província de Maputo, através da qual se pretende assegurar a electrificação das zonas rurais e do meio urbano, com energia amiga do ambiente e a um custo reduzido, quando comparado com outras fontes energéticas.

Esta nova indústria foi construída a cerca de 30 quilómetros do centro da cidade de Maputo, a paredes meias da fábrica de alumínio, MOZAL, cuja área circundante é preenchida por empreendimentos económicos, com destaque para a subestação da Motraco, e várias Pequenas e Médias Empresas (PME's) atraídas por aquele projecto âncora.

Inaugurada pelo Presidente da República, Armando Guebuza, a 22 de Novembro de 2013, esta empresa deu início ao processo de produção de quatro gamas de painéis, nomeadamente de 10 a 14 Watt Peak (WP), de 70 a 75 WP, 90 a 100 WP e painéis de 140 a 150 WP, dispondo presentemente de cerca de 600 módulos de 140 a 150 WP e de 2055 painéis de 70 a 75WP.

Com uma capacidade anual de cinco Mega Watt Peak (MWP) por turno, a produtora de painéis solares conta com uma massa laboral completamente jovem composta por um total de 33 trabalhadores sendo que 16 destes trabalhadores beneficiaram de formação na Índia, 13 para a área de produção, dois técnicos treinados em manutenção, um formado em qualidade e os restantes colocados nas áreas administrativas e de apoio.

O director da fábrica, Fernando Namburete, afirma que os painéis ali produzidos são vendidos a preços baixos quando comparados com os do mercado.

Com o objectivo de catalisar a electrificação rural, a maior parte dos clientes até aqui angariados estão ligados ao sector agrícola e recorrem a este sistema para a viabilizar a irrigação dos campos.

“Os nossos clientes são pessoas singulares, empresas e instituições públicas que tem estado a aderir, ainda que de forma lenta ao produto. Aliás, em



cerca de um mês vendemos o equivalente a 250 mil meticais, disse Zulfa Mourinho, responsável pela área de Administração e Finanças.

Porém, o dilema reside na ausência de uma estrutura comercial que permita colocar o produto no mercado nacional ao mesmo tempo que falta conhecimento sobre as vantagens da utilização destes aparelhos, capacidade interna de formação de stock de matéria-prima e uma estrutura de produção complementar aos painéis.

Para colocar aquele produto no mercado e cada vez mais próximo dos potenciais utilizadores, a equipa gestora da Fábrica de Painéis está a formar parcerias com vários distribuidores públicos e



Fernando Namburete e Zulfa Mourinho, respectivamente Director e Responsável pela área de Administração e Finanças da Fábrica de Painéis Solares.



privados, representações do Fundo Nacional de Energia (FUNAE) e agentes comerciais ligados ao fornecimento de combustíveis da rede montada nos distritos pelo FUNAE.

No que se refere à formação de stock, Namburete disse que o contrato de construção da fábrica previu o fornecimento de 1.2MWP em células fotovoltaicas adquiridas em diferentes pontos do mundo, com particular destaque para a Itália e Taiwan, pois Moçambique não dispõe de tecnologia capaz de produzir. “Assim sendo, estamos em processo de aquisição de mais 2.4MWP para que a nossa produção não pare”.

Entre os desafios com que esta fábrica se depara consta ainda a inexistência de uma estrutura complementar de mercado fotovoltaico, nomeadamente produtores e fornecedores locais de reguladores (controladores de carga), inversores e baterias, bem como vidro e barras de alumínio usadas para a estrutura física externa dos painéis. “No que se refere ao vidro e alumínio, a dificuldade que as empresas produtoras locais apresentam relaciona-se com o

cumprimento de especificações técnicas”, disse Fernando Namburete.

Enquanto se procura superar estes desafios, a fábrica está a desencadear um processo de certificação do seu produto para que possa iniciar a exportação de painéis para os países da região, o que pode contribuir para a sobrevivência da empresa.

Mesmo a propósito de exportações, estudos desenvolvidos pela Fábrica de Painéis Solares de Belulune indicam que existe um potencial mercado na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), pois, apenas Moçambique e África do Sul possuem empreendimentos do género.

Entre as vantagens do uso deste sistema, Namburete indica que, a par da componente ambiental, o painel solar, quando bem conservado e com manutenção regular, pode funcionar de forma eficaz durante cerca de 20 anos e que com um painel que custa 5800 meticais (preço de fábrica) é possível ligar até 12 lâmpadas de 11watts.

Cahora Bassa uma jornada do Songo a Chitima

Texto e poemas:
Tiago Borges

Quando o meu voo aterrou em Tete, proveniente de Maputo, já era noite cerrada. Fui naquele momento absorvido pelo céu mais estrelado que alguma vez observara e dei razão a quem me confessara que o céu africano é aquele que mais nos aproxima do resto do universo, mas incapaz de reconhecer o caminho que percorri até ao Songo ou sequer o contraste entre a aridez de Tete e a fertilidade do planalto do Songo, que notei mais tarde. Com efeito, foi somente na manhã seguinte, após o sono mais reparador das últimas três semanas, que pude alcançar com todos os meus sentidos aquela vila ao mesmo tempo tão africana

e diferente da paisagem envolvente, metaforizada talvez pela primeira recordação que guardo do Songo, o monumento representativo da Senduana, e da qual recorro as suas matizes num contraste tão harmonioso como aquele que surgiu entre mim e as gentes tão calorosas daquela vila. Porque após o tempo que passei no Norte de Moçambique, fui inconsequente na minha tentativa de encontrar o termo em Nyungwe para “mulungu” como utilizado no changana, alimentando em mim a convicção de que a hospitalidade é inversamente proporcional à distância até ao ponto setentrional. Apesar de todas as diferenças que procurava não esquecer,



foram inevitáveis certas comparações com tudo o que me dizia mais respeito, desde aquele imenso planalto que me recordava a extensão da serra portuguesa do Marão vista do alto do Montemuro durante o pico do estio, até ao rio Zambeze que evocava num lugar recôndito do meu hipocampo o leito serpenteante do Douro rasgando os socos de terra negra. Foi nessa altura exacta que a Senduana se tornou para mim muito mais que a homenagem justa que Naguib tinha elaborado no seu estilo característico; porque a vislumbrei naquele rio acobreado com as suas escamas de imbondeiros e as suas entranhas de pende que,

Cahora Bassa

*No planalto cá em cima
Eu tenho a vista abarcante
Que se estende até Chitima
E p'ra Mágoè em diante.*

*Retiro tanto prazer
Com a percepção inteira
Do que só consigo ver
Perto desta albufeira.*

*E espalhada neste vale
Longe do resto do mundo
Está a África real
E Moçambique profundo.*

tal como o mito eternizava, havia sido aprisionado no seu decurso sinuoso por aqueles que edificaram Cahora Bassa e foi por fim devolvido a quem hoje faz dessa herança um símbolo da unidade nacional, da mesma forma que tornou a língua portuguesa símbolo dessa fraternidade. Mas não só a Senduana se me revelou no Zambeze; também os imbondeiros que pontuavam as margens como vigilantes eternos daquelas águas tão profundas pareceram desmentir quem limitara a utilidade daquela árvore ao seu fruto. Se a eles me levou a corrente do Zambeze, tive até a oportunidade de conhecer um habitante da sua margem sul cuja resposta à invasão do seu espaço vital pelo meu corpo estranho quando já se adivinhava o quarto crescente lunar, foi generosamente oferecer-me um pouco da chima que naquela altura constituía o único alimento que poderia partilhar. E será esse momento crucial que sempre irei associar ao Zambeze, pois aí percebi que tudo pode ser arrastado pela vontade da Senduana, excepto a humildade perene de quem vive nas suas margens. A minha jornada continuou em Chitima. E assim pareceu aquele local aos olhos de quem desce do planalto do Songo pela primeira vez. Esse contraste foi tão surpreendente que precisei de um regresso

para comprovar que, de facto, aquela terra é como a mousse de malambe: primeiro estranha-se e depois entranha-se; possui um toque agridoce que me fez, de certo modo, deleitar-me com a sua paisagem após o impacto inicial. Chitima foi, aos meus olhos, muito mais do que a felicidade expressa nas faces das crianças transportando em fila indiana os tijolos de barro sobre as suas cabeças como se o futuro do país dependesse unicamente do seu esforço circunstancial; foi muito mais do que os mamíferos asininos que deambulavam por aquelas ruas largas como que procurando o seu papel no meio das gentes azafamadas; foi muito mais do que os imbondeiros solitários que testemunhavam o crescimento daquela localidade; e foi muito mais do que aquele curso de água seca que aguardava pela chuva para mostrar que a terra não era o único elemento que unia Cahora Bassa a Chitima. Esta foi aos meus olhos a comunhão singular não só entre os quatro elementos, mas também entre estes, a vida e o progresso em fase embrionária. Por fim, ir ao Songo sem visitar a barragem de Cahora Bassa é, como tantas vezes se diz, como ir a Roma e não ver o Papa. Mais grave talvez porque em Roma nem tudo gira à volta do Vaticano, mas Cahora Bassa é indissociável do Songo. Indepen-



Moçambique, terra
mãe das maravilhas
da natureza.

dentemente de, nesta visita a Moçambique, eu ter confirmado que as experiências que mais perduram na memória são por norma aquelas que não se encontram contempladas em roteiros turísticos (e o Songo não faz parte de nenhum que eu conheça), acabei por visitar o ex-libris da vila. Embora não seja a minha área profissional, guardo desde muito novo um carinho especial pelas obras que nascem do suor, do sangue e da unidade dos indivíduos, não pertencesse eu a uma família de engenheiros – se meu pai o é, o meu único irmão não lhe fica atrás, nomeando somente os exemplos mais directos. Ao avistar Cahora Bassa, mais do que a sua imponência, fui marcado pela associação que então se construiu na minha cabeça entre as palavras “irmão”, “unidade” e “obra”, do mesmo



modo que (reparei mais tarde) muito tempo antes o próprio Samora Machel havia feito, ao afirmar que “moçambicanos e portugueses consolidam aqui a unidade, a amizade e solidariedade cimentadas pelo aço e betão armado que produziu Cahora Bassa”. Porque se há irmãos que partilham o sangue, há outros, igualmente válidos e com relações por vezes até mais estreitas, que partilham o suor. E esse é o caso de Cahora Bassa por constituir a prova real desta aliança.

Vila do Songo, Província de Tete, Moçambique, um qualquer mês de um ano qualquer. Termino este texto do modo como comecei, porque hei-de voltar um dia para rever tudo isto e porque também as memórias são como o malambe, ou não tivesse a saudade um sabor agriçoce.

Songo, novembro de 2013



Azarias e Francisco, unidos pelo ntxuva

Manhã de terça-feira, 10 horas, chegava ao bairro Maxaquene B, na avenida Milagre Mabote. A casa do Sr. Manhiça fica à beira da estrada, antes da primeira lomba. O limite da sua casa é uma vala de drenagem.

Na entrada da casa, uma senhora de meia-idade vende roupas interiores femininas, do lado esquerdo uma barraca amarela feita de ferro, ocupa

Ntxuva

dentro do campo e fora do jogo

POR LIZETE MANGUELEZE

A Riqueza cultural de cada país possibilita a existência de várias formas de expressão artística e de lazer, cada grupo étnico tem uma característica peculiar na forma de aprendizagem e de diversão, formas das quais fazem parte os jogos. Em Moçambique, o Ministério da Juventude e Desporto já catalogou 39 jogos considerados tradicionais com destaque para ntxuva, pião, mucheka wanga, makine, nguri e matacuzana. Muitos destes jogos não foram escritos, são transmitidos oralmente pelas pessoas mais velhas para os jovens e crianças. E assim, os jogos vão passando de geração em geração.

o espaço frontal e por trás, debaixo do jamboleiro é onde se desenrola o jogo. Todos os dias das 9 até às 18 no verão e das 9 às 17 horas no inverno, com a exceção dos dias chuvosos.

Ao aproximar junto-me a uma plateia mista para assistir aos jogos bastante concorridos. Meninos de tenra idade disputam os quatro tabuleiros espalhados, com adolescentes, jovens e idosos. “Os dois tabuleiros com suporte de ferro que permitem jogar em pé, foram oferecidos pelo Conselho Municipal de Maputo através de um projecto da embaixada da Espanha, em 2010, quando houve o campeonato de ntxuva. E estes dois feitos com cimento e ferro, sem pernas, nós mandamos fazer, contribuímos com dinheiro e chamamos um pedreiro para fazer”, explica Azarias, um dos mais antigos e simpáticos praticantes de ntxuva.

JOGOS TRADICIONAIS DE MOÇAMBIQUE





“Aqui damos cartão vermelho a quem insulta ou violenta os colegas. Primeiro chamamos à atenção com o cartão amarelo mas se a pessoa continuar damos um cartão vermelho, mandamos embora e fica interdito de jogar aqui”...



O ntxuva congrega a amizade e o convívio num jogo tradicional.

Azarias, 65 anos, é pai de 5 filhos, aprendeu a jogar há 53 anos na sua terra natal, Chibuto. Depois da escola jogava com os colegas em covas improvisadas no chão. Em 1969, quando chegou a Maputo começou por jogar no núcleo da Unidade 24 até altura em que no espaço foi erguida a Escola Primária Unidade 24. Ele e os colegas do grupo partiram para jogar no quarteirão “A” do bairro da Maxaquene, onde permaneceram até o dia em que houve conflito entre um jogador perdedor que negava-se a aceitar ter sido derrotado por um miúdo. Como resultado do conflito foram desalojados daquele espaço. O Sr. Manhiça de imediato ofereceu o espaço do seu quintal. Para evitar futuros conflitos no novo núcleo criaram novas regras. “Aqui damos cartão vermelho a quem insulta ou violenta os colegas. Primeiro chamamos à atenção com o cartão amarelo mas se a pessoa continuar damos um cartão vermelho, mandamos embora e fica interdito de jogar aqui” diz Azarias contente com a regra. Este reformado há quase duas décadas da profissão de motorista na Polícia de Segurança Pública, confessa ser um fascinado pelo ntxuva e que a casa do Sr. Manhiça é a sua segunda casa. “Quando estou a jogar esqueço-me de tudo até de comer, a minha mulher é que me telefona para ir almoçar.” Azarias é amigo de longa data de Francisco, foram colegas de trabalho e costumavam jogar ntxuva na hora de almoço. Agora são vizinhos e compadres no ntxuva. Francisco Machoque tem 78 anos, 5 filhos e é natural da província de Maputo, distrito da Katembe. Ele começou a jogar na década de 50 e lembra-se



do processo de aprendizagem, “comecei a jogar na Katembe em 1953 com os meus irmãos e amigos. Quando fui trabalhar na carpintaria da Polícia de Segurança Pública, criei um tabuleiro de madeira e jogava com os colegas de trabalho, o ntxuva se você não praticar não avança para outro nível, fica no nível C”. Antes de o ntxuva ser o jogo de eleição de Francisco, ele experimentara outros “gostava de jogar cartas mas havia muita luta e muita tristeza, as pessoas apostavam casas e perdiam. Aqui não jogamos por dinheiro e nem há apostas, é só diversão e relaxamento para não pensar em nada”. Depois desta conversa percebo que eles conhecem bem o terreno. É tempo de encontrar o dono da casa, o famoso Sr. Manhiça. Para minha surpresa dizem: “o Sr. Manhiça já não está entre nós, faleceu no ano passado, a viúva dele, a dona Maria, é que



cuida de tudo junto com os filhos e os netos. Um dos netos é o melhor jogador daqui, o Erasmo mas ele foi trabalhar esó o pode encontrar no fim-de-semana. Todavia, se quiser pode falar com Jojó, o vencedor do campeonato do bairro da Urbanização no ano passado”.

Esta estória de o melhor jogador de ntxuva ser um trabalhador ocupado aguçou a minha curiosidade, agora quero perceber como ele consegue ganhar destes jovens e adultos que jogam todos os dias. Contudo como a minha curiosidade terá de esperar pelo fim-de-semana decido conversar com Jojó, o sétimo filho do Sr. Manhiça.

Jojó de 38 anos, um solteiro cujo espírito competitivo é reconhecido por muitos, vive numa das casas dentro do quintal do seu pai. Ele começou a jogar quando rapazinho, “andava em vários bairros a assistir aos jogos na companhia do meu pai e fui



aprendendo a jogar”. Aprendeu tão bem que agora coleciona títulos de vencedor de campeonatos interurbanos, do bairro da Urbanização, Maxaquene e do bairro Ferroviário.

Actualmente Jojó joga em casa e a qualquer hora. “Trabalho a conta própria, por isso não tenho hora específica para jogar, jogo a qualquer hora basta ter um adversário, que não seja o Erasmo”.

Para muitos jogadores de ntxuva o embate no tabuleiro acaba por ser uma espécie de terapia aprazível ao ar livre “aqui acabam todos os problemas porque é preciso muita concentração para conseguir ganhar” explica Jojó.

Fiquei curiosa para perceber porque é que essa terapia aprazível falha quando o Erasmo é o adversário. Não obtive resposta, o Jojó disse apenas “eu não jogo com Erasmo, nunca fomos adversários de equipa.”

O ntxuva é um jogo altamente competitivo nos níveis mais altos.



Erasmo, o neto do Sr. Manhiça que ganha todas as partidas

Encontrar os melhores por vezes é uma tarefa árdua e desta vez não foi excepção. No primeiro fim de-semana não havia espaço na agenda do Erasmo Alfredo. Isso porque Erasmo, além de ser aclamado por todos os praticantes de ntxuva na casa do Sr. Manhiça pelo seu jogo rápido e por ganhar de todos o que o desafiavam, é um mecânico bastante concorrido no bairro da Maxaquene.

Hoje é o tal dia. É tarde de domingo, o sol brilha tal como os olhos de muitos daqueles jogadores, por quem passei ao encontro do tão aclamado Erasmo. Do amplo quintal que hoje está mais cheio de jogadores do que o habitual, mira-se no fundo uma casa de dois quartos e sala, cujas paredes pedem um banho daquela tinta que outrora fora cor-de-rosa. Ao aproximar-me vejo mais duas casas, uma construída com blocos e coberta com chapas, de zinco sem pintura, e a outra erguida com tijolos e presentemente sem cobertura.

Erasmo Alfredo de 21 anos de idade é o primeiro filho da Helena, a sexta filha do Sr. Manhiça. Erasmo teve a sua iniciação no ntxuva aos 10 anos, quando ia assistir aos jogos do outro lado, no Maxaquene A. O seu gosto pelo tabuleiro ganhou força quando a casa do avô virou o centro de ntxuva da Maxaquene B.

A nossa conversa decorre entre a nova casa de blocos e cimento com chapas de zinco recentemente construída e o estendal de roupa onde secam dois lençóis amarelos e um branco e roupas coloridas de



As soluções mais simples são as utilizadas neste jogo tradicional, cuja origem remonta a tempos perdidos.

crianças. Do lado vê-se a casa de tijolos que já deve ter sobrevivido uma década e pede uma reabilitação. Por isso, neste momento está vazia, está em curso um plano de acção para reconstruir e posteriormente a arrendar, à semelhança do sucedido com a casa cor-de-rosa, onde vive a proprietária da barraca amarela.

Durante a nossa conversa que tinha sido adiada três vezes, chega o “tio Chico”, a sua chegada é anunciada por duas crianças que sorridentes o saúdam e ele responde entusiasmado – olá chefe, como estás? Elas saltam de cima do destrozado ferro azul que lembra um Toyota Corola, dão risadas animadas e quase em coro respondem - estou bem. De repente, sinto um objecto a voar no meu rosto, eram as chaves do carro do “tio Chico”. – Afinal você está escondido aqui? Vai lá ver o meu carro, está com um barrulho, acho que o rolamento deslucou-se.

Instantaneamente, a nossa conversa foi interrompida mas Erasmo pede alguns minutos antes de ir ver o rolamento. Para não perder a viagem avançamos na conversa, a que Erasmo explica “aprendi a jogar com meninos da minha dade, o Dércio e o António”, a quem ele hoje ganha sem pestanejar. Foi a sua coragem e determinação que o tornaram num dos melhores jogadores. “Assistia a muitos jogos e só jogava com os melhores, apesar de na altura não ter saído com vitórias, com o tempo fui aperfeiçoando e hoje ganho quase a todos. Assistir e jogar com os melhores ajudou-me a ter uma boa visão do jogo, a pensar mais rápido e a aumentar a concentração.”

De vitória em vitória nos jogos amigáveis e nos campeonatos de classificação, Erasmo foi subindo de nível e agora goza o merecido nível A. Já está claro que o diferencial de Erasmo foi ter jogado com os melhores e desafiá-los para melhorar a sua performance. No entanto, o campeão esquivava-se a explicar porque continua a ganhar aos jogadores que praticam todos os dias. Após alguma insistência declara “o ntxuva exige boa visão e agilidade, a maioria das pessoas que ficam aqui já tem dificuldade de visão e a sua capacidade de raciocínio está a reduzir”.

Visitantes e adversários se tiverem marmita não jogam

Quando aparece um adversário visitante e supera a capacidade dos outros o Erasmo é sempre chamado à festa dos dados, e os jogadores que iniciaram o jogo viram assistentes. É assim que garante que a honra da casa do Sr. Manhiça não seja desacreditada. “Aparecem adversários de Compone, Mavalane e Ferroviários mas nunca ganham quando eu e o Amilcar estamos, não podemos perder porque se os adversários ganharem estarão a ganhar a toda família, e a nossa casa perderia a honra”, explicita entusiasmado o Erasmo.



Hoje é o tal dia. É tarde de domingo, o sol brilha tal como os olhos de muitos daqueles jogadores, por quem passei ao encontro do tão aclamado Erasmo. Do amplo quintal que hoje está mais cheio de jogadores do que o habitual, mira-se no fundo uma casa de dois quartos e sala, cujas paredes pedem um banho daquela tinta que outrora fora cor-de-rosa.



Toda gente já sabe que se quiser vencer tem de ir durante a semana na ausência do Amilcar e do Erasmo, aí só terá de abater o Jojó. Mas se tiver marmitta não poderá jogar.

Toda gente já sabe que se quiser vencer tem de ir durante a semana na ausência do Amilcar e do Erasmo, aí só terá de abater o Jojó. Mas se tiver marmitta não poderá jogar.

“No fim-de-semana enche mais porque vêm aquelas pessoas que trabalham ao longo da semana, e não tem disponibilidade para vir cá. E nós não deixamos eles passarem daqui antes de ir ao trabalho. Antes deixavamos jogar pessoas que vinham com a marmitta a caminho do trabalho mas, acabavam por se atrasar parao trabalho.”

Aqueles que têm marmitta não podem jogar porque diversas vezes perdem a hora de ir parao trabalho na tentativa de conseguir ganhar. Começo a acreditar que de facto nesta competição ninguém quer perder e que para quem sabe jogar é quase inevitável aceitar um desafio no tabuleiro.

A nossa conversa termina com a explicação sobre a recusa em jogar com o tio, o Jojó. “Ele viu-me a evoluir aqui, sou o melhor da casa mas nunca joguei e nem queremos jogar juntos. Só de ver o tabuleiro no primeiro minuto nós podemos saber quem vai

ganhar por isso evitarmos esse desafio”.

Apesar de Erasmo se recusar a jogar com o tio tem jogado com o irmão mais novo, o Edmilson de 18 anos, estudante da 8ª classe, a quem ele diz que a cada perda vai melhorando. Quem sabe se este será o próximo campeão da casa do Sr. Manhiça?

Ntxuva noutros cantos do mundo

O ntxuva, como é conhecido no nosso país, é considerado um jogo milenar africano que se espalhou pelo mundo. Este jogo de tabuleiro é praticado noutros cantos do mundo com outros nomes, em tabuleiros menores e algumas vezes com regras diferentes.

Estima-se que esta arte do tabuleiro seja praticada em 90 países e que existam pelo menos 800 nomes e 200 variações. Por exemplo, nos Estados Unidos e no Brasil é conhecido por Mancala e até ganhou uma versão online. Nalguns países africanos tais como Quênia, Tanzânia, Comores e Malawi é conhecido por Bao. Na Ásia Central chamam-lhe de Toguz kumalak e é considerado superior ao xadrez.



Enquanto os mais velhos jogam mais renhidamente, os jovens fazem-lhes companhia...



Além do uso do ntxuva para diversão este é usado também para aprimorar a capacidade e as habilidades na matemática. Geralmente melhora a capacidade de análise, observação, concentração, memória e a capacidade dos jogadores no desenvolvimento de estratégias. Capacidade que ajudano pensamento e intuição matemática. Os tabuleiros usados em Moçambique e na Tanzania são considerados os maiores do mundo e o menor é a versão chamada Micro-Wari, criado em 1977, pelo Etnólogo búlgaro Assia Popova e o francês André Deledicq que usa apenas quatro sementes e quatro covas.

Senhor Manhiça: a fortaleza do ntxuva no Maxaquene

Senhor Manhiça em vida andou por vários bairros a assistir à arte do tabuleiro mas nunca jogou. Quando viu a probabilidade de perder de vista o núcleo que jogava próximo da sua casa, na Maxaquene A, depois daquele episódio que deixara os jogadores de ntxuva sem espaço certo, ofereceu o seu quintal. Assim, garantiu que até aos seus últimos dias de vida iria presenciar aquele jogo pelo qual era apaixonado.

A fortaleza do ntxuva, no bairro da Maxaquene, se foi mas a família continua guardiã. A sua viúva, a avó Maria, embora não assista às partidas de ntxuva, já aceitou que aquele é o espaço de ntxuva e alegra-se por saber que os seus netos gostam da arte que o falecido esposo fora fã até aos seus últimos dias de vida.

As meninas da família Manhiça distanciam-se dos tabuleiros deixando a disputa para os rapazes, elas quando querem jogar criam o seu espaço improvisado e temporário, onde jogam matacuzana e neca. Senhor Manhiça era um entusiasta do ntxuva que se transformou numa fortaleza do núcleo de ntxuva do bairro da Maxaquene B.

... entretendo-se a jogar matacuzana e neca.



POR DENTRO DA MÚSICA CLÁSSICA EM MOÇAMBIQUE

É possível que nunca tenha assistido a um concerto de música clássica ao vivo e nem se interesse pelo assunto, mas vai concordar que a música clássica estimula a criatividade, só por isso vale a pena conhecer as histórias das crianças e dos jovens talentosos integrantes do projecto Xiquitsi, que tocam instrumentos complexos e vivem o mundo da música clássica no país da marrabenta.

Xiquitsi é um projecto de inserção social através do ensino colectivo da música, criado em 2013 pela oboísta moçambicana, Etelvina {Kika} Materula, que é também a directora artística do projecto.

A maioria dos alunos (dos 7 aos 25 anos) que frequentam as aulas de música no Xiquitsi, à semelhança do que aconteceu à mentora do projecto nos seus primeiros anos na música, não têm condições financeiras para comprar livros, acessórios e instrumentos musicais. Todavia a vontade de ter uma Orquestra Juvenil de Música Clássica de Moçambique faz com que cada desafio seja uma oportunidade para que organizações, empresas parceiros, professores, colegas de outras orquestras sejam solidários, fornecendo o necessário para que este grupo prevaleça.

“A nossa missão é ensinar independentemente das saídas que estes 80 jovens tiverem, queremos que eles aprendam aqui as noções básicas da vida, saibam e percebam que podem ser o que eles quiserem na vida desde que se dediquem.” diz Etelvina Materula.





ANTÓNIO VASCO

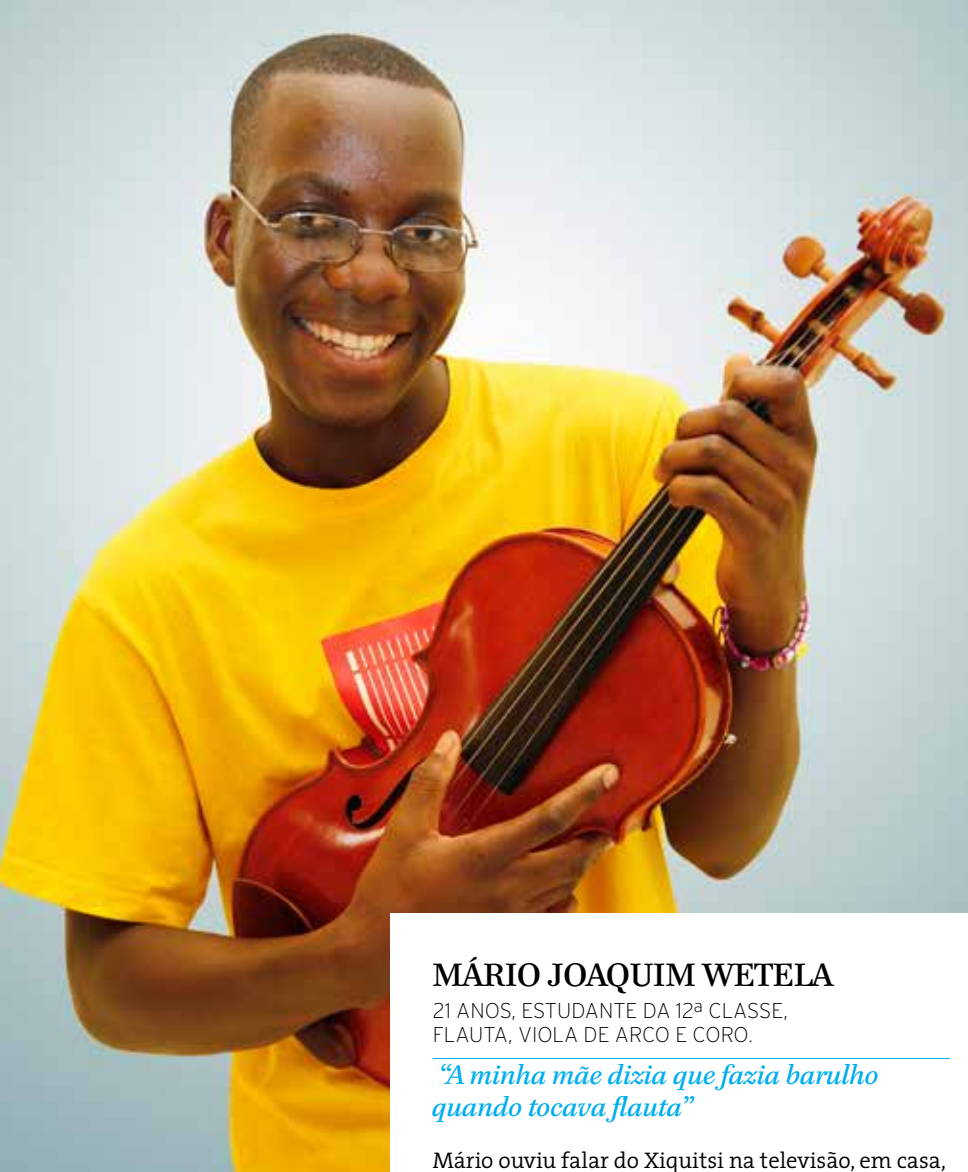
18 ANOS, ESTUDANTE, SOLISTA

“A cada dia aprendo mais e a música me faz viajar”

É o segundo ano de António no projecto, vive no bairro da Urbanização, arredores da cidade de Maputo, com a mãe e duas irmãs mais velhas. A mãe é comerciante de pequena escala, vende produtos alimentares na banca que montou dentro do seu quintal. É do lucro da banca que António paga o chapa para ir às aulas de música.

Este jovem solista aprendeu a gostar de música na igreja Metodista, onde faz parte do coral. “Foi numa aula de música que o professor Queiroz Júnior, que também é professor de música na Universidade Eduardo Mondlane, nos falou do projecto Xiquitsi e disse que aqui podíamos aprender a tocar viola de arco e outros instrumentos, isso porque na igreja só aprendemos a cantar e a ler a pauta. Vim ver os ensaios e fiquei, dois dias depois os meus amigos começaram a estranhar porque eu já não ia jogar futebol. Quando lhes disse que estava a aprender música clássica não acreditaram e disseram que era uma perda de tempo. Em casa quando digo que quero ir para a faculdade de música discordam, não percebem que aqui a cada dia aprendo mais e a música me faz viajar.

“Gosto da temporada de concertos porque são divertidos mas basta ver a lista de convidados que fico nervoso, ainda estou a acostumar-me a estar em frente de muitas pessoas importantes. Por agora gostaria de ganhar o certificado daqui, porque em qualquer ramo é importante ter um certificado.”



MÁRIO JOAQUIM WETELA

21 ANOS, ESTUDANTE DA 12ª CLASSE,
FLAUTA, VIOLA DE ARCO E CORO.

*“A minha mãe dizia que fazia barulho
quando tocava flauta”*

Mário ouviu falar do Xiquitsi na televisão, em casa, no bairro Ferroviário onde vive com os seus padrinhos. A sua madrinha a quem ele chama de mãe é doméstica, as despesas da casa são pagas pelos filhos, é de parte da quantia monetária enviada que Mário garante a presença nas aulas.

A rotina deste jovem instrumentista que admira a obra Canon, do já perecido professor e compositor alemão Johann Pachelbel, é atípica para os seus vizinhos com a mesma idade. “Acordo cedo para ajudar nos trabalhos de casa e faço os deveres da escola, depois vou aos ensaios de música, de lá vou à escola, isso de segunda à sexta-feira. Aos sábados de manhã ensaio no Xiquitsi e no domingo canto no coro da igreja.”

“Primeiramente não queria tocar viola de arco queria um instrumento de sopro, o oboé, mas aqui ainda não dão aulas de oboé. Fiquei na lista de espera durante 6 meses, nesse período estive no coro até que um dia a professora Iliane Simão aconselhou-me a tocar viola de arco, experimentei e gostei. No princípio a minha mãe não quis saber do projecto, achou que fosse uma brincadeira. Ao ensaiar em casa quando tocava flauta em casa dizia que estava a fazer barulho.”

Este violista afirma “o meu sonho é assistir a um concerto da Orquestra de Viena porque vi um concerto na TV e achei a orquestra incrível. Gostaria de presenciar um concerto daquele nível. Os maestros são engraçados, digo muito profissionais e organização do grupo é excelente.”



MÁRCIA LÍDIA

19 ANOS, 12ª, FRANCISCO MANYANGA

*“Quando cheguei não gostava de piano só
queria tocar a minha guitarra”*

Márcia é natural de Inhambane e actualmente vive no Alto Maé com os tios e 3 primos. Os pais vivem em Inhambane com a sua irmã mais nova. À semelhança de vários alunos do Xiquitsi, ela viu o cartaz na sua escola, Escola Francisco Mayanga, local que dezenas de vezes fora cenário para ela cantar e tocar a sua guitarra para os colegas.

“Vim à audição e disseram que estavam interessados na minha voz e que podiam aperfeiçoar. Ainda que gostasse mais de tocar a minha guitarra aceitei a proposta e aprendi a gostar de cantar. Hoje canto ao som do piano para apurar o meu ouvido.



Em casa escuto mais música americana, do estilo R&B (Rhythm and blues) por influência da família mas sei diferenciar os momentos. Aqui aprendi que podemos gostar de música clássica ou de qualquer instrumento musical quando nos entregamos. Agora, por exemplo, gosto muito de piano e praticamente é o que me conduz ao cantar, mas quando cheguei não gostava de piano só queria tocar a minha guitarra. Os meus amigos apoiam-me porque sabem que gosto de cantar e de tocar. Costumo cantar em todo lado, a música está sempre comigo.”

YUNDI KYNATT MUTEVUIE

13 ANOS, VIOLA DE ARCO

“Quando crescer quero ser piloto porque gosto de viajar mas também quero continuar na música”

Yundi é aluna da Escola Nacional de Música há 8 anos e é integrante do Xiquitsi há um ano e dois meses. Ela reside no bairro da Polana Cimento com os seus pais e dois irmãos, a sua irmã mais velha também gosta de palcos, é dançarina, foi aluna na Escola Nacional de Dança.

Esta menina multi-instrumentista que toca timbila, clarinete, piano, flauta doce, marimba e mbira confessa: “Quando estou sozinha em casa gosto de escutar jazz, as composições e os instrumentos são agradáveis de ouvir.”

“O meu pai gosta mais de música do que a minha mãe mas, não gosta muito de música clássica. Quando estamos juntos em casa o meu pai manda-me tocar clarinete e a minha mãe manda-me tocar viola de arco.

Os dois vão a todos os meus concertos junto com os meus irmãos. As minhas primas costumam ir somente aos concertos da Escola Nacional de Música e não vão aos concertos de Xiquitsi.

Nas férias costumo ir à cidade de Xai-xai em casa da minha avó, outras vezes vou com a família para Bilene, Inhambane, Kruger Park e Ponta D´ouro.

Também costumo ir à África de Sul (Pretória, Rustenburg) e à Botswana visitar familiares. Dos lugares que já visitei gosto mais da África de Sul porque passeamos muito e fazemos muitas compras. Mas, gostaria muito de conhecer Portugal porque é um sítio bonito, vejo nas fotos do meu pai pois ele estudou lá.

Quando crescer quero ser piloto porque gosto de viajar mas também quero continuar na música.



SAMUEL E JOSEF DAVICS

11 ANOS, VIOLINO

“Gosto de violino porque é fácil de transportar comigo quando viajo”

“É melhor estudar pouco do que estudar muito uma vez por semana”

Samuel nasceu na Grã-Bretanha e cresceu no Equador, está em Moçambique há cerca de um ano, é filho de missionários. Ele e os irmãos tocam instrumentos musicais, o irmão mais velho toca piano e guitarra e o mais novo, o Josef que também é aluno do Xiquitsi, toca violino.

“Toco violino desde os 6 anos. Quando a minha mãe viu o cartaz ficou entusiasmada e inscreveu-me para a audição e fui aprovado. Venho às aulas com o meu pai e quando ele viaja em missão não vimos à aula.

Na nossa família a minha mãe é que gosta mais de música, ela carrega a sua guitarra em todos os países que ela vai. O meu pai toca violino.

Gosto de violino porque é fácil de transportar comigo quando viajo. Normalmente ensaio sozinho durante 10 minutos todos os dias porque é melhor estudar pouco do que estudar muito uma vez por semana.

No tempo livre gosto de ler livros deventura, jogar futebol, assistir filmes, vídeo game em tablets e gosto de tocar violino. O filme que mais gostei foi “O Senhor dos Anéis” porque naquela longa-metragem há muita imaginação e as personagens resolvem problemas difíceis.

MARCELO BRICE

12 NOS, ESCOLA SECUNDÁRIA, VIOLINO

“Gostava de ser um dos melhores músicos do mundo”

Marcelo tem apenas 12 anos, mas quando fala tão seguro e maduro parece um adulto. Quando está em acção a tocar violino na companhia dos colegas revela-se um menino, um rapaz dedicado e decidido. “Quando termino os meus afazeres fico a solfejar e a ver vídeos de música clássica porque é o estilo de música que mais gosto.”

Com um sorriso de lábios fechado Marcelo explica como chegou ao Xiquitsi “ recebi o panfleto na EP completa A Luta Continua, levei para casa e a minha mãe veio inscreveu-me e aprendi a tocar. Entrei no ano passado e toco violino”.

Este violinista mora perto da escola por isso vai às aulas e volta para casa a pé. Ele explica a sua rotina

na música “venho à escola nas segunda-feiras, quartas-feiras e nas sextas-feiras fico a ler pautas, agora toco violino aqui nas aulas, quando tinha violino em casa solfejava e tocava.

Tocar violino não é difícil é preciso ter paciência e persistência. Gostava de ser um dos melhores músicos do mundo porque a música faz parte de todos os meus sentimentos.”

“Marcelo é um dos alunos mais aplicados e especiais do Xiquitsi. Estou certa que se continuar com aquela determinação e tiver oportunidades será um dos melhores músicos do mundo pois tem talento” afirma Kika Materula.



XIQUITSI

O Xiquitsi existe há apenas um ano e poucos meses, mas a cada temporada de concertos dá provas do seu crescimento e granjeia a simpatia do público. Em Março de 2013, quando o projecto iniciou trabalhava com 2 violoncelos emprestados e 1 violoncelo próprio; 1 contrabaixo emprestado; 3 violas e 7 violinos emprestados, e 1 violino próprio. Actualmente, o Xiquitsi tem equipamento próprio: 5 contrabaixos, 10 violoncelos, 15 violas e 30 violinos próprios, vários livros, partituras e acessórios. A partir do próximo ano, através de uma parceria com a University of South Africa (UNISA), os alunos do Xiquitsi vão ser examinados e serão certificados pela UNISA aqui em Moçambique. O que é um ganho muito grande pois até agora em Moçambique não há certificação internacional para músicos.

Kika Materula reconhece o crescimento mas quer mais “gostaríamos de estar presente em todas as províncias e gostaríamos que Novembro de 2014 seja a consagração da nossa orquestra, queremos apresentar uma orquestra de música clássica composta por músicos moçambicanos e os nossos alunos. Isso vai ser a realização de um sonho e a minha contribuição para o orgulho do nosso país.” Este projecto que pretende elevar o orgulho do nosso país é também financiado pela empresa que é o orgulho do país, a Hidroeléctrica de Cahora Bassa.

Que assim seja, que saiam daqui grandes músicos e grandes profissionais. Um bem-haja ao Xiquitsi e à música, este som que dá mais ritmo as nossas vidas!



QUEREMOS CONTINUAR ENTRE OS MELHORES DE MOÇAMBIQUE

SAÍDE TUAHIR, NOVO PRESIDENTE DO GRUPO DESPORTIVO DA HCB



O novo presidente do Grupo Desportivo da HCB, Saíde Tuhair, acredita que o Moçambola-2014 vai ser muito bem disputado e que todos os clubes tradicionais candidatos ao título vão dar tudo para conseguir uma melhor classificação, alertando que a sua equipa terá uma palavra a dizer na grande discussão, começando pelas dificuldades que vai criar aos adversários no Songo. No ano passado, a formação do HCB iniciou o campeonato vencendo nas três primeiras jornadas, mas depois de perder no Chiveve, diante do Têxtil do Púnguè, entrou num mau período perdendo pontos, inclusive no seu próprio reduto, até com adversários teoricamente inferiores. Dentro de um grande desportivismo, os adversários do GDHCB, quando disputarem os jogos no

Songo, vão sentir se forasteiras, pois quem vai ditar as circunstâncias dos jogos serão os anfitriões. Aqui será assim, como é em toda a parte do mundo, mesmo que os donos da casa sejam teoricamente inferiores hostilizam os visitantes; ou seja, fazem tudo para que eles se sintam numa batalha fora da sua jurisdição. O nosso campo deve ser o tribunal que sentença os adversários em nosso benefício. “Para isso contamos com todos os adeptos do Songo,” disse Tuhair, acrescentando “não podemos continuar a perder pontos em casa como aconteceu em épocas anteriores em que até estivemos em vantagem no marcador e acabámos por permitir que o adversário conseguisse nos impedir de conquistar os três pontos,” frisou o actual dirigente máximo dos hidroeléctricos.





Quanto às ambições da sua equipa no Moçambola, o discurso de Tuhair, embora muito cauteloso, revela que o Grupo Desportivo da HCB tem condições para lutar pela melhor classificação possível na prova.

“Conseguimos o terceiro lugar no Moçambola transacto, com todo o mérito e estamos confiantes numa prova ainda melhor, mesmo respeitando os outros concorrentes. Esperamos que esta seja uma época bem disputada e mais equilibrada. Vamos tentar fazer melhor que na temporada passada e se formos mais regulares chegaremos mais longe,” sublinhou o novo Presidente.

Na ordem do dia

Para o mandato de quatro anos, o actual elenco privilegia a luta por títulos, encontrar a melhor forma de conduzir a formação na área de futebol para que no futuro a vila do Songo possa ser um viveiro do futebol nacional. Sonhamos com jogadores oriundos deste distrito

Saide Tuahir alerta que a sua equipa terá muito a dizer na grande discussão amigável que será o Moçambola 2014.

na alta roda do futebol nacional e que possam, igualmente, vir a representar a Selecção Nacional. Tudo passa por uma melhor organização. Há um trabalho que vinha sendo feito nesse sentido, mas temos que melhorar alguns aspectos. Pensamos, brevemente, avançar com uma academia de futebol e para uma melhor edificação, estamos em contacto com alguns clubes de referência mundial nesta área de formação de atletas. Nos próximos anos gostaríamos de ter na equipa principal um bom número de jogadores formados no Songo. É nosso desejo que um dia só se contratem jogadores que justifiquem ser uma mais-valia, referiu Tuhair. Por outro lado, o presidente do clube do Songo realçou a necessidade de se resgatarem outras modalidades, estando já em curso um trabalho no atletismo, onde já tem sido feitas algumas demonstrações ao intervalo dos jogos. “Neste momento, queremos avançar com o basquetebol, atletismo, Tênis e Xadrez. Numa primeira apostaremos na formação, tentando incentivar a prática de modalidades sem tradição na nossa província de Tete” concluiu o novo presidente do clube.



Por Paola Rolletta

M de água

Entre lembranças
de viagens, imagens
e histórias

Tinha chovido bastante nos últimos dias. A estrada para Ponta do Ouro devia estar uma lástima. Sabíamos de certeza. Mas a Isabel completava 40 anos, havia festa lá. Foram quatro horas de caminho encharcado. A cada charco, a cada poça, o Guilherme saía-se com gritos de alegria, numa brincadeira que, no começo, não entendíamos. Só o Daniel, criança como ele, juntou-se à brincadeira do amiguinho, e a cada charco era um grito exultante:

- Mais uma vida! Ganhamos mais vida! - diziam todos contentes. As manobras eram deveras complicadas.

- O que achas? Passamos pela direita ou tentamos a via do meio para não ficarmos enterrados? Esta era a pergunta a cada poça gigantesca de água. O carro sofria e o Luís, ao volante, era um marinheiro a segurar o barco nas ondas impetuosas no meio de uma tempestade. Os únicos que estavam contentes, muito contentes, eram o Guilherme e o Daniel. A cada poça ganhávamos vida, diziam. Até queriam “oferecer vida” às pessoas que caminhavam à berma daqueles lagos temporários. Quando chegamos à Ponta, tínhamos ganho três triliões de vidas! Repetiam, divertidos, a verdade soberana da humanidade: água é vida.

As gotas do rio Zambeze

Como a mente é uma coisa curiosa, dei por mim a lembrar das águas do rio Zambeze. O que diriam o Guilherme e o Daniel se fossem dar uma volta por lá? Quantas vidas ganharíamos no barco do Mateus Lourenço? Há alguns anos, fui lá e ele foi o skipper que me acompanhou, com o barco de motor fora de bordo de 115 cavalos, que lhe permitia correr ágil sobre as águas da albufeira. Um barco velho – ou pelo menos assim parecia. Nenhum dos mostradores funcionava: nem o velocímetro, nem o conta-rotações, nem sequer o ponteiro do combustível. Durante a viagem, Mateus teve que desligar mais que uma vez o motor e deter a embarcação, para mudar de depósito de combustível. Com os meus botões, pensava em coletes salva vidas,





porque nada semelhante estava à vista. As águas do Zambeze eram tranquilas. Nas imediações da barragem de Cahora Bassa, altas paredes de rocha que, recortadas no horizonte, me pareciam castelos medievais ou catedrais semi-destruídas. E por todo o lado eram gotas e gotas de água que brilhavam no ar, no rio, no horizonte.

O mundo inteiro, numa gota de água

A lama fez deslizar o carro e eu voltei à realidade, com os meus companheiros de viagem, naqueles pequenos mares no meio da estrada, mas não parava de pensar o quão extraordinário e surpreendente é o microcosmo de uma gota de água! Veio-me à mente o conto de Hans Christian Andersen, A gota de água. Pois, aqueles eram charcos, milhões de gotas de água, pequenos mares no meio da estrada, cheios de vida.

- Tu conheces, com certeza, uma lupa de aumentar, assim como uma lente redonda de óculos que torna tudo cem vezes maior do que é? Quando se pega nela e se a põe diante da vista e se observa uma gota de água do lago, vêem-se milhares de animais estranhos, como nunca se vêem na água, mas estão lá e isso é real. Parece quase como um prato cheio de camarões. Saltam uns entre os outros e são vorazes, arrancam braços e pernas, pontas e bicos uns aos outros e assim estão alegres e contentes, à sua maneira.

A água é omnipresente na vida do ser humano, e para as outras formas de vida, e constitui o princípio essencial de toda a criação. Em todo o mundo, nas antigas cosmogonias, nos rituais, nos mitos, desempenha sempre essa função. E mesmo no mundo moderno, a água como fonte de energia e abastecimento, meio de transporte e alimento, ela continua sendo geradora de mitos e crenças. Mergulhar na água significa voltar ao estágio pré-formal, pois ela purifica e regenera. Nos rituais de iniciação, a água tem poderes de cura, garante a renascença. A água é fundamento dos ritos de passagem em vários grupos, religiosos ou não, através da imersão, efusão ou aspersão. A água é o fundamento do mundo inteiro, é energia vital. Em Moby Dick, Herman Melville falando "do mais distraído dos homens... mergulhado nas suas mais profundas fantasias" acrescenta: "ponham este homem de pé, induzam-no a mexer as pernas, e ele, sem falhas, conduzir-vos-á para a água".

A mente recuou para o rio Zambeze. Lembrei dos pescadores com quem nos cruzamos ao longo do percursos nas suas almadias e das pessoas que acenavam à passagem do barco. Não era por simpatia, não, era por necessidade. Pediam boleia para a outra margem. A água é também fronteira.



Somos da água

Em Moçambique a palavra água começa por "m". É mati, é massi, é mazhi, é matchi, é mave, é madzi, é maze, é madi, é madji. A raiz de água é "m" e está associado com fertilidade, com vida, em suma com mulher: em ndau, munda significa machamba, mimba significa grávida, musicana é donzela; matoro é machamba em sena. Pronto, sou facciosa, eu assumo, mas, do Rovuma ao Maputo, do Zumbo ao Índico, já viram homens a acartarem água? E qual é o primeiro contacto de nós humanos com a vida? É a água materna! Da terra nasce a água, da água nasce a alma... é doce, salgada, é lugar junto do qual paramos para descansar ou sobre o qual viajamos, é prazer e medo, inimiga e amiga, é fronteira e infinito, é mudança e imutabilidade, lembrança e esquecimento. Era o filósofo grego Heráclito (a quem foi atribuído o aforisma panta rei, tudo flui) que o dizia, palavras que associam os conceitos de água e de mulher.

A água é capaz de mudar de forma, adaptando-se às circunstâncias, dando a volta aos obstáculos que encontra no seu caminho, da fonte onde nasce, passando por países e línguas estrangeiras, chegando até ao mar, tornando-se antes catarata, torrente e depois rio num contínuo processo de transformação que é a sua verdadeira força, a sua energia vital. O eterno percurso que é parecido ao que enfrenta uma mulher grávida, que, mesmo como a água, muda de forma, adaptando-se às circunstâncias, encontra obstáculos e medos a contornar, e no fim dos nove meses chega ao seu mar, representado pelo nascimento do seu bebé.

Cerca de 70 por cento do corpo humano é feito de água. Milhões de gotas que nos fazem vivos. "Somos da água", escrevia Gabriel García Márquez em Cem anos de solidão. E quando se chega ao fim, a água espalhou-se. Mati mahalakilé...







A Hidroelétrica de Cahora Bassa começou a ser projectada por volta de 1956 e a construção efectiva do empreendimento iniciou em 1969, depois da assinatura de um acordo entre o governo português e sul-africano, na cidade de Lisboa, Portugal, a 19 de Setembro de 1969. O referido acordo, intitulado “Intenção do Estado Português em Desenvolver Cahora Bassa para o Fornecimento de Energia para África do Sul”, previa também a obrigação de a África do Sul prestar a assistência financeira (comparticipação) na realização deste projecto.

Portanto, o empreendimento da construção da albufeira da barragem compreendeu uma central (a Central Sul), com uma capacidade de 2.075 Mega Watt e a subestação com sistema do som e Linhas de Transmissão de Alta Tensão de Corrente Contínua (HVDC), para fornecer energia à África do Sul, e Linhas de Transmissão de Corrente Alternada (HVAC) ligando Cahora Bassa à subestação de Matambo, em Tete.

Em Abril de 1975 é celebrado o protocolo de entendimento de acordo entre o Estado português e Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), na sequência de qual, em Junho daquele mesmo ano é constituída a Hidroelétrica de Cahora Bassa (HCB), uma entidade concessionária da constru-

ção e exploração do empreendimento, acto que norteou a respectiva concessão ao então Governo de Transição.

Conforme o plasmado no protocolo de 1975, a HCB assumiu todos os encargos, direitos e obrigações que o Estado português tinha, incluindo a necessidade de ressarcir ao Estado português e outros credores dos investimentos realizados e créditos concedidos e que, após um período de transição, o empreendimento reverteria inteiramente para Moçambique.

A exploração comercial começa em 1977, depois de concluída a montagem dos três primeiros grupos geradores e quatro pontes conversoras. Assim, e de forma gradual, a HCB foi atingindo a fase de pleno funcionamento, tendo a fase comercial contratualmente estabelecida iniciado em 1979, com a energia eléctrica a ser exportada para a ESKOM (companhia eléctrica da África do Sul).

Em 1984 são iniciadas importantes discussões entre os governos de Moçambique, África do Sul e Portugal, para a entrada de Moçambique no projecto Cahora Bassa e, na sequência dos acordos alcançados, são assinados contractos de compra e venda de energia entre a ESKOM, da África do Sul, HCB e a Electricidade de Moçambique (EDM), pois, de 1967 e até então, o seu contributo da HCB para Moçambique resumia-se no fornecimento de energia à Cidade de Tete e Moatize, após a conclusão da subestação de Matambo, ocorrida em 1980.

*Breve
Quadro Histórico
da HCB*



1972

Entretanto, devido à guerra e à sabotagem da linha HVDC, a partir do terceiro trimestre de 1985, há uma interrupção do fornecimento de energia para a África do Sul e para a parte Sul de Moçambique, ou seja, os contratos de compra e venda com a ESKOM e a EDM para o fornecimento de energia eléctrica na região Sul são resignados, o que levou a HCB a operar a apenas um por cento da sua capacidade.

Só em 1998, cerca de seis anos após a assinatura do Acordo Geral de Paz (AGP) é que se deu início à reposição das torres e é retomado o fornecimento de energia no Sul de Moçambique e aí é impulsionada a contribuição de Cahora Bassa para o desenvolvimento de Moçambique e o fornecimento de energia a Moçambique, cerca de 200 Mega Watt.

Tributação da HCB

Em cerca de 30 anos de existência da HCB, a maior parte dos quais sob a gestão e exploração directa

A exploração comercial começa em 1977, depois de concluída a montagem dos três primeiros grupos geradores e quatro pontes conversoras.

de Portugal, este empreendimento de Moçambique pouco tinha contribuído para o desenvolvimento do país, nomeadamente pela geração de emprego, impostos, responsabilidade social, entre outros. Este facto, segundo a história da empresa, resultava do protocolo de concessão que indicava que esta empresa estava isenta de qualquer responsabilidade fiscal, incluindo na importação de serviços para a exploração normal da sua actividade, bem como sobre o resultado da sua actividade.

Entretanto, em 2004, iniciaram tripartidas (Moçambique, Portugal e África do Sul) com vista à fixação de um novo modelo tarifário, pois, até então, o kiloWatt/hora era vendido a cerca de dois centimos do Rande. Deste processo resultou que as partes aprovaram um aumento gradual do tarifário de venda de energia à África do Sul, incluindo um mecanismo de ajustamento anual, revisão do tarifário ao Índice do Preço ao Produtor sul-africano, bem como um mecanismo de incremento real



2007

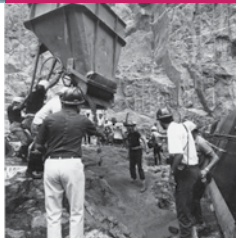
Com a assinatura e efetivação da reversão começou uma nova fase da vida da Hidroeléctrica de Cahora Bassa.

numa base quinquenal que é revisto tendo em conta o custo de oportunidade de novas centrais na África do Sul.

A partir de 2005, decorre um intenso processo negocial entre Moçambique e Portugal, que culmina com a assinatura do Protocolo de Reversão, em Outubro de 2006, o qual determina a transferência de controlo da HCB para o Estado moçambicano.

Um ano depois, a 27 de Novembro de 2007, ocorreu a reversão efectiva, passando Moçambique a deter o controlo da participação em 85 por cento e, mais tarde, em 2012 passa para 92,5 por cento, com a retirada do capital português e a entrada de uma empresa portuguesa com 7,5 por cento.

Nesta altura, o governo de Moçambique devia pagar 950 milhões de dólares ao governo português, em duas tranches, sendo a primeira na data da assinatura do protocolo (31 de Outubro de 2007) e a segunda numa fase posterior. Foi também na sequência deste acordo que se procedeu ao sanea-



mento da dívida avaliada em cerca de três milhões de dólares norte-americanos.

Entre outros, a reversão da HCB tornou este activo num instrumento para o crescimento socioeconómico do país, potenciando também a realização de políticas do Governo, a contribuição passou a incluir a vertente fiscal, de emprego em quantidade e qualidade, bem como em número de acções de responsabilidade social, nomeadamente no domínio da Saúde, Educação e Infra-estruturas. Aliás, graças à reversão, o regime especial tributário que regia a HCB até então foi retirado, passando esta empresa a ter a obrigação de pagar todos os impostos devidos em Moçambique para além de uma taxa de concessão correspondente a dez por cento da receita bruta mensal que é paga na moeda de maior facturação que, no caso vertente, é o rand sul-africano. Para além disso, a HCB passou a ter a obrigação de pagar o Imposto Sobre Resultados.

Uma troca de experiências no Hospital Rural do Songo

Tiago Borges, Médico

“Se não tivéssemos nacionalizado a medicina, os meus filhos e os filhos dos funcionários teriam tido todos os especialistas à sua disposição. Possivelmente sem pagar nada. Mas pagarias tu. Pagaria o povo por eles... por isso acabámos com os ovos do jacaré.”

Samora Machel

Trabalho como médico na cidade que me viu nascer, num dos maiores centros hospitalares de Portugal e onde a minha prática clínica se rege pela fruição de muitas comodidades. A oportunidade surgiu para realizar um estágio no Hospital Rural do Songo durante o mês de outubro passado, proporcionando-se assim uma “troca de experiências” que acolhi de bom grado mas consciente de que seriam muitos os contrastes com que me iria deparar. Embora a minha especialidade de formação, a Medicina Interna, não necessite por norma de tecnologia de ponta para ser bem executada, ainda assim tenho como ferramentas uma série de exames complementares com um mínimo de sofisticação que geralmente facilitam o meu raciocínio clínico. Julguei, por isso, que estes recursos seriam, à partida, aquelas cuja ausência mais iria sentir quando fosse confrontado com um qualquer desafio diagnóstico assim que iniciasse esta aventura. A verdade, porém, é que não podia estar mais enganado...

Dirigi-me ao hospital no dia seguinte a ter chegado à Vila do Songo, num dia encoberto em que o sol africano espreitava timidamente entre os cúmulos brancos como que me saudando com o mesmo jeito que eu procurava aparentar ao corpo clínico daquele estabelecimento. Fui imediatamente recebido pela directora clínica, a qual não descansou enquanto não fiquei a conhecer todos os corredores e divisões daquele sóbrio hospital com a mesma precisão do meu Hospital de São João, mas sem fazer notar contudo que a presença de muitos dos equipamentos que eu observava era fruto da sua perseverança e competência enquanto directora. Tal como era o facto de ali eu me encontrar... Fui então absorvido pela descrição do que ainda carecia aquele lugar mas sobretudo do que entretanto adquirira e como crescera fruto de tanto esforço conjunto e apoios externos, notando nas entrelinhas o orgulho merecido com que aquele discurso era pontuado. E então vi personificadas as palavras de Samora Machel: “o dever de cada um de nós é dar tudo ao povo, sermos os últimos quando se trata de benefícios, primeiros quando se trata de sacrifícios”...

Mais tarde, conheci o director clínico; foi ele quem me levou a Chitima e descreveu a crua realidade da Medicina em Moçambique, com o toque de familiaridade característico de qualquer moçambicano. E foi ele também quem me conduziu por aquelas ruas da mesma forma prestável com que me ajudou a comunicar com os locais que apenas falavam uma língua bantu que constituía uma novidade para mim. Tal como o fizeram os enfermeiros, os técnicos, os auxiliares e até o administrador do Hospital Rural do Songo. Mais do que a empatia, foi a simpatia de todos que me levou a crer que acabara de ser recebido de braços abertos e o contraste cultural era somente teórico. Mais peculiar que isso é que, embora a minha compreensão de Nyungwe fosse nula, julgo ter sido capaz de detectar, no meio de tantos sons indecifráveis para uns ouvidos preguiçosos, um esforço genuíno (mas talvez inconsciente) para me dar as boas vindas. Um esforço tão evidente que cheguei a pensar que a preocupação de tantos pacientes que assisti era por momentos focada na minha integração naquele hospital e não nos sintomas de cada um...



Falta porém referir a pessoa que porventura mais me fez crescer durante esses dias que nostalgicamente recordo agora que o Songo está tão distante dos meus sentidos, mas ainda tão perto do meu coração. Por saber que, no seu altruísmo puro, não se importaria de ficar para último e ainda que eu só tenha conhecido a ponta do icebergue que é a sua dimensão cultural, somente agora faço referência ao homem que me levou a crer que, nesta troca de experiências, recebi muito mais do que aquilo que fui capaz de dar. Não apenas conceitos técnicos, uma vez que tive a oportunidade, sob a sua orientação, de tratar a malária e as complicações da infecção pelo HIV, realizar uma artrocentese ou executar pequenas cirurgias, entre outras tarefas que no meu hospital seriam sempre levadas a cabo por colegas de outras especialidades. Também conceitos práticos, visto que me demonstrou a importância da semiologia clínica num meio em que os meios complementares são limitados. Mas sobretudo porque na sua dimensão



socio-cultural vi patente não só o facto de ser um “médico do mundo” que exerceu medicina em diferentes contextos e em diferentes épocas, qual fusão africana e equilibrada de Doutor Jivago com Doutor Arrowsmith com Doutor Marsh, como também a sua vertente literária, exponenciando assim o aforismo celebrizado por Abel Salazar: “o médico que só sabe Medicina nem Medicina sabe”. Aprendi que os recursos mais importantes não são, de todo, os logísticos ou os tecnológicos. São antes aqueles impossíveis de avaliar, ou quantificar, por estudos ou ensaios clínicos por não dependerem da ciência propriamente dita. São os que perpetuam a Medicina como uma arte, esses recursos humanos que definem os doentes pela sua individualidade e não pelos seus estigmas. Se há algo que aprendi no Hospital Rural do Songo, ou pelo menos me foi reavivado na memória, foi a ideia de que o mais importante na Medicina é a individualidade. E somente os recursos humanos podem valorizar os logísticos, porque apenas os primeiros possuem juízo crítico. Se os recursos logísticos fazem as doenças, é a individualidade que faz os doentes, e afinal de contas a Medicina deve centrar-se nestes, tal como acontece no Songo... Com esta experiência ganhei muito mais do que vi em África porque, afinal de contas, atribuo outra importância a tudo aquilo que disponho na minha prática clínica; porque tenho presente o que é exercer medicina a mais de oito mil quilómetros e disto tudo me lembro quando faço um electrocardiograma, uma gasometria arterial ou um qualquer exame da minha rotina clínica que não pude encontrar no Hospital Rural do Songo, mas sobretudo quando ausculto, faço um exame físico ou ouço um qualquer doente expor a sua história, porque isto sim também fiz no Songo. Por não haver nada mais universal na Medicina que a própria semiologia... pois esta é o exame mais centrado no doente e que mais o respeita enquanto indivíduo e, se a Medicina Interna é a especialidade que mais vive em função da semiologia, será, por dedução, a especialidade mais universal que eu poderia ter escolhido. Em suma, agradeço a quem realmente me fez confundir as palavras “hospital” e “hospitalidade”...

Songo, novembro de 2013



HCB em números



415 MW

Energia produzida por cada um dos geradores da Central Sul

107,11 rpm

Velocidade nominal de rotação dos grupos geradores

6.400

Quantidade de torres existentes

21,5 m

Espessura máxima das fundações da barragem

8

Número de descarregadores de fundo

14.000 m³/s

Capacidade máxima de descarga

2.900 km²

Área da albufeira

710

Número de colaboradores da HCB

42 Anos

Idade média dos colaboradores

13 Anos

Antiguidade média dos colaboradores



“Esta maravilhosa obra do génio humano constitui um verdadeiro hino à inteligência, um promotor do progresso, um orgulho para os projectistas, construtores e trabalhadores desta fantástica realização.

Cahora Bassa é a matriz do desenvolvimento de Moçambique independente”

Samora Moisés Machel

HIDROELÉCTRICA DE
CAHORA BASSA

